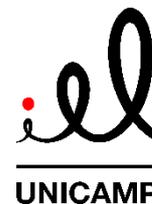




UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM



DAÍZA DE CARVALHO LACERDA

AMENIDADES DE GEORGE ORWELL EM *AS I PLEASE*
TRADUÇÕES DE ENSAIOS NO *TRIBUNE*

CAMPINAS

2022

DAÍZA DE CARVALHO LACERDA

AMENIDADES DE GEORGE ORWELL EM *AS I PLEASE*

TRADUÇÕES DE ENSAIOS NO *TRIBUNE*

Monografia apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas, como requisito para a obtenção do título de Licenciada em Letras – Português.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Soares Carneiro

ESTE TRABALHO CORRESPONDE À
VERSÃO FINAL DA MONOGRAFIA
DEFENDIDA PELA ALUNA DAÍZA DE
CARVALHO LACERDA E ORIENTADA PELO
PROF. DR. ALEXANDRE SOARES
CARNEIRO.

CAMPINAS

2022

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Tiago Pereira Nocera - CRB 8/10468

L116a Lacerda, Daíza de Carvalho, 1984-
Amenidades de George Orwell em *As I Please* : traduções de ensaios no
Tribune / Daíza de Carvalho Lacerda. – Campinas, SP : [s.n.], 2022.

Orientador: Alexandre Soares Carneiro.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de
Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Orwell, George, 1903-1950 - Traduções para o português. 2. Ensaios
ingleses. 3. Jornais. 4. Literatura inglesa. 5. Tradução. I. Carneiro, Alexandre
Soares, 1963-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da
Linguagem. III. Título.

Informações adicionais, complementares

Palavras-chave em inglês:

Orwell, George, 1903-1950 - Translations into Portuguese
English essays
Newspapers
English literature
Translating

Área de concentração: Letras

Titulação: Licenciatura

Banca examinadora:

Maria do Socorro Furtado Veloso
Jefferson Cano

Data de entrega do trabalho definitivo: 05-12-2022

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, pela sustentação espiritual nas imensas provações destes anos de graduação e na luta pela manutenção da democracia e da educação no Brasil; à minha mãe, Luíza, pela sustentação afetiva e estrutural; ao orientador, Prof. Dr. Alexandre Soares Carneiro, demais professores do IEL/Unicamp e colegas de estudo que contribuíram com a minha formação; aos professores Jefferson Cano e Maria do Socorro Furado Veloso pela inestimável presença em minha(s) vida(s) acadêmica(s) e contribuições ao participarem de minha banca; e a todas as pessoas responsáveis pelas políticas públicas de educação, sobretudo até 2018, que permitiram o acesso de uma egressa de escola pública e periférica à educação pública superior.

RESUMO

Esta monografia tem o objetivo de abordar alguns ensaios de George Orwell ainda não disponíveis em língua portuguesa, com a seleção e tradução de uma amostra de publicações da coluna *As I Please*, do periódico *Tribune*, entre 1943 e 1947. Nossa fonte principal foi a coletânea organizada por Paul Anderson (2006). Os livros mais conhecidos do autor, *Animal Farm* e *1984*, ganharam novas traduções a partir da entrada de sua obra em domínio público, em 2021. Mas, a produção do autor em periódicos ainda tem apenas uma pequena parcela traduzida em português. A maior parte do material ensaístico vertido para nossa língua se concentra nas temáticas literária e política. No nosso caso, optou-se por assuntos prioritariamente fora dessas esferas, sendo contempladas questões da vida cotidiana – daí a alusão às “amenidades”, numa tentativa de abordagem diferenciada se consideradas as temáticas mais contundentes e conhecidas do autor. No entanto, foram incluídos, eventualmente, textos sobre política e literatura, questões normalmente intrínsecas às observações do escritor, qualquer que seja o assunto. Este trabalho abrange ainda a contextualização da referida coluna e dos “ensaios de periódico”, tradição britânica que teve em Orwell um grande expoente no contexto de seu tempo.

Palavras-chave: George Orwell, ensaios, ensaios de periódico, literatura, tradução

ABSTRACT

This monograph aims to address part of George Orwell's essays not yet available in Portuguese, with the translation of a sample of publications from the column *As I Please*, from the *Tribune*, between 1943 and 1947. Our main source was the collection organized by Paul Anderson (2006). The author's most referenced books, *Animal Farm* and *1984*, gained new translations as of the entry of his work into the public domain in 2021. On the other hand, the author's production in periodicals still has a small portion translated into Portuguese. Most of the essay material translated into our language focuses on literary and political themes. priority was given to subjects outside these spheres, contemplating issues of everyday life – which explains the allusion to “amenities”, in a different approach if considered the most forceful and well-known themes of the author. Texts on politics and literature were eventually included, issues that are usually intrinsic to the writer's observations, whatever the subject. This work also covers the contextualization of the aforementioned column and the periodical essays, which have Orwell as a great exponent in the context of his time.

Keywords: George Orwell, essays, journal essays, literature, translation

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	09
2. TRADUÇÕES	15
2.1 Na frente do seu nariz	15
<i>In front of your nose - 22 de março de 1946</i>	
2.2 Os livros e as pessoas: uma mensagem de ano novo	18
<i>Books and the people: a new year message - 5 de janeiro de 1945</i>	
2.3 Sobre armas de guerra e sumiço de livros	23
<i>As I Please 31 - 30 de junho de 1944 (excertos)</i>	
2.4 Sobre taxa de natalidade	24
<i>As I Please 20 - 14 de abril de 1944 (excerto)</i>	
2.5 Sobre casamentos	25
<i>As I Please 26 - 26 de maio de 1944 (excerto)</i>	
<i>As I Please 27 - 2 de junho de 1944 (excerto)</i>	
2.6 “Conto da carochinha”	27
<i>As I Please 9 - 28 de janeiro de 1944 (excerto)</i>	
2.7 Sobre lavar louça	28
<i>As I Please 58 - 9 de fevereiro de 1945 (excerto)</i>	
2.8 Sobre lavar roupa	29
<i>As I Please 65 - 13 de dezembro de 1945 (excerto)</i>	
2.9 Sobre a desgraça alheia como entretenimento	31
<i>As I Please 50 - 1º de dezembro de 1944 (excerto)</i>	

2.10 Sobre a “perda de qualidade” de escritores	31
<i>As I Please 64 - 6 de dezembro de 1946 (excerto)</i>	
2.11 Sobre literatura/resenhas	32
<i>As I Please 58 - 9 de fevereiro de 1945 (excerto)</i>	
2.12 Sobre o uso de maquiagem pelas garotas	33
<i>As I Please 22 - 28 de abril de 1944 (excerto)</i>	
CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	36
ANEXOS	
TEXTO 1 - In front of your nose - 22 march 1946	38
TEXTO 2 - Books and the people: a new year message - 5 January 1945	41
TEXTOS 3 E 4 - As I Please 31 - 30 june 1944 (excerpts)	45
TEXTO 5 - As I Please 20 - 14 april 1944 (excerpt)	46
TEXTO 6 - As I Please 26 - 26 may 1944 (excerpt)	47
TEXTO 7 - As I Please 27 - 2 june 1944 (excerpt)	49
TEXTO 8 - As I Please 9 - 28 de janeiro de 1944 (excerpt)	49
TEXTO 9 - As I Please 58 - 9 february 1945 (excerpt)	50
TEXTO 10 - As I Please 65 - 13 december 1945 (excerpt)	51
TEXTO 11 - As I Please 50 - 1 december 1944 (excerpt)	53
TEXTO 12 - As I Please 64 - 6 december 1946 (excerpt)	53
TEXTO 13 - As I Please 58 - 9 february 1945 (excerpt)	54
TEXTO 14 - As I Please 22 - 28 april 1944 (excerpt)	54

1. INTRODUÇÃO

A entrada da obra de George Orwell no domínio público, a partir de 1º de janeiro de 2021, garantiu aos leitores de língua portuguesa uma infinidade de novas traduções de seus dois livros mais famosos, *Animal Farm* e *1984*. Não sendo mais necessário pagar pelos direitos autorais, inúmeras editoras rapidamente providenciaram novas versões dos textos, também do ponto de vista do aspecto físico e da fortuna crítica dessas obras, apostando em capas chamativas, ilustrações e análises de uma geração atual de escritores e tradutores como diferencial para concorrer à atenção do leitor¹.

Mas, até o final de 2022, parte da obra de Orwell, notoriamente seus ensaios, ainda mantinha uma disponibilidade restrita em português. Por este motivo, optou-se, para este trabalho, pelo levantamento e tradução de uma amostra dos textos de Orwell ainda não publicados oficialmente em língua portuguesa, mas de vasta circulação na língua materna do autor, desde que sua obra foi reunida e editada por sua viúva Sonia Orwell e Ian Angus, a partir de 1968. Foram priorizados artigos publicados na coluna *As I Please*, do jornal *Tribune*. A maior parte do material já disponível em português se concentra nas temáticas literária e política. Aqui, optou-se pela seleção de assuntos prioritariamente fora dessas esferas, sendo contempladas questões da vida cotidiana – ou “amenidades” – mas incluindo, também, política e literatura.

Nascido em 25 de junho de 1903 em Motihari, na Índia, e morto em 21 de janeiro de 1950 em Londres (considerado o seu verdadeiro berço e também dos periódicos que lhe deram espaço e voz), Orwell foi um inequívoco arauto do ensaísmo inglês, se considerados o volume e a representatividade de autores que adotaram – ou se apossaram – do gênero inventado pelo francês Michel de Montaigne (1533-1592).

A linha temporal da “travessia” dos ensaios de Montaigne a Orwell é abordada por Jacinta Maria Matos, da Universidade de Coimbra, pesquisadora da vida e obra do autor inglês. Além da “biografia intelectual”² de Orwell, também devemos a ela uma edição de ensaios selecionados, publicada em 2021. No prefácio do volume, a autora considera o quanto as meditações políticas e/ou cotidianas de Orwell, veiculadas em periódicos como o *Tribune*, servem à “boa tradição” do ensaio, um gênero de “forma tão esquiva que divide opiniões e

¹ Repercussão à época, conforme verificamos em <<https://veja.abril.com.br/cultura/em-dominio-publico-livro-1984-vira-ouro-de-editoras-e-vendas-sobem-663/>>

² *George Orwell*. Biografia intelectual de um guerrilheiro indesejado (2021a)

resiste a categorizações”, mas que concentra características como a diversidade e flexibilidade de temas, além da centralidade de um “Eu” observador e pensante (p.13).

O ensaio é, assim, um género que lhe assenta como uma luva e que praticou desde cedo na sua carreira das letras, atingindo o auge durante os anos de guerra, quando o conflito o impediu de se dedicar à escrita de obras mais extensas. O Orwell dos ensaios e do jornalismo literário e cultural é, hoje em dia, reconhecido como um dos melhores praticantes de um género de longas tradições na cultura inglesa, que o autor teve o mérito de revitalizar e adaptar às circunstâncias e exigências dos meados do século XX. (MATOS, 2021b, p. 12-13).

A dispensa das certezas e abertura às reflexões, aliadas ao espírito de independência, são listados pela autora como ingredientes do género que teve, no final do século XVI, Francis Bacon como um dos primeiros representantes na Inglaterra.

A tradição empírica do pensamento inglês, avessa a filosofias abstratas e teorias puras, adquire, com Bacon, uma excelente oportunidade para manifestar e valorizar as bases concretas a partir das quais se desenvolvem a reflexão sobre a sociedade em geral e as questões de classe muito em particular, bem evidentes em muitos dos seus sucessores, nomeadamente George Orwell. A simplicidade e a economia do estilo, e alguma propensão aforística, são também legados de Bacon que se reconhecem na tradição subsequente do ensaio e de que nosso autor também é devedor. (Idem, p.15).

A primeira tradução e publicação em inglês dos *Ensaio*s de Montaigne é creditada a John Florio em 1603, o que ajuda a “impor” o género e o estilo na Inglaterra. Jean Starobinski cita Bacon como o primeiro a “escrever *Essays* do outro lado do canal da Mancha”. Ao publicar o seu *Essay Concerning Human Understanding*, Locke, com a palavra ‘ensaio’, “não anuncia a prosa vivaz de Montaigne”, mas “assinala um livro no qual são propostas ideias novas, uma interpretação original de um problema controverso” (2018, p. 14). Mas o ensaio, nas ilhas britânicas, não se desenvolveu apenas dentro da tradição filosófica mais aprofundada. Starobinski também correlaciona o ensaio à crônica, género no qual os artigos de Orwell poderiam figurar.

E não deixa de ser verdade que, perdendo às vezes algo de sua substância, o ensaio metamorfoseou-se em crônica de jornal, panfleto polémico, conversa atropelada. E note-se que nenhum desses subgéneros merece ser execrado pelo que é! A crônica pode virar *pequeno poema em prosa*; o panfleto, se escrito por Constant, pode intitular-se “Do espírito da conquista”; a conversa pode falar com a voz de Mallarmé. (STAROBINSKI, 2018, p. 15-16).

Mais do que a forma, a plataforma é de grande importância desse desenvolvimento do género, já que os “periódicos que mantinham aceso o debate público” de ordem política,

literária e cultural, tendo nesta esfera Joseph Addison como figura primordial enquanto fundador das revistas *The Tatler* e *The Spectator*, no século XVIII. As revistas de periódicos atendiam a um público de classe média cada vez mais numeroso e que ansiava ser ouvido. “Este impulso democrático do ensaio e o seu papel no moldar da opinião pública é ainda bem discernível, séculos depois, na ensaística orwelliana”, afirma Matos (p.16).

Uma figura central entre os ensaístas ingleses, William Hazlitt não só o praticava, como também analisou o gênero e seus representantes, em um texto intitulado “Sobre os ensaístas de periódico” (1819). Ele considerava os ensaístas de periódicos filósofos e historiadores morais. Tendo identificado em Montaigne "o primeiro a ter a coragem de dizer, como autor, o que sentia como homem", alguém "dotado do poder de ver as coisas por si mesmo ou como elas realmente são” (2018, p.63), ele faz as seguintes considerações sobre a “herança” do precursor do gênero:

Uma vez quebrado o gelo e rompida a barreira que mantinha o autor à distância do senso e do sentimento comuns, não foi difícil a transição de Montaigne aos seus imitadores, nossos Ensaístas de Periódico. Estes últimos fizeram o ajuste da livre expressão de seus pensamentos às cenas mais imediatas e passageiras da vida, a tópicos temporários e locais; e com o intuito de exercer mais livremente e com menos responsabilidade o ofício desagradável de *Censor Morum*, eles adotaram disfarces fictícios e humorísticos, os quais, no entanto, correspondiam em grande medida aos seus hábitos e caráter peculiares. Assim, ao ocultar seus nomes e personalidades sob os títulos de *The Tatler*, *The Spectator* etc., foram capazes de nos informar melhor o que se passava no mundo; ao mesmo tempo, o contraste dramático e o ponto de vista irônico ao qual tudo era submetido adicionavam jovialidade e tempero às suas descrições. O filósofo e homem de espírito encontra o fofoqueiro, faz de si mestre “do instante mais propício à empreitada” e, de suas muitas andanças e voltas da vida, traz de volta para casa pequenos espécimes curiosos de humores, opiniões e costumes de seus contemporâneos, assim como o botânico traz de volta para casa diferentes plantas e sementes, e o mineralogista, diferentes conchas e fósseis, para ilustrar suas respectivas teorias e ser úteis à humanidade. (HAZLITT, 2018, p. 66-67)

A proliferação de periódicos de circulação regular foi favorecida, na década de 1930, no intervalo entre as duas grandes guerras, com espaço para discussões políticas, literárias e ideológicas internacionais, “reagindo aos acontecimentos tumultuosos do mundo”, segundo Matos (2021b). Nesta seara, Orwell publicou em diversos tipos de revistas e periódicos e, conseqüentemente, para diferentes tipos de públicos, sem necessariamente adaptar os seus escritos ao “espírito” de cada publicação, como pondera Matos (2021b, p. 18). Ela ainda pontua que a coluna no jornal *Tribune*, um veículo político-ideológico, “valeu-lhe críticas de leitores/as por não ser suficientemente intelectual, polida e – diríamos hoje – politicamente correta” (p. 18).

Em sua biografia de Orwell, a autora explica que o jornal *Tribune*, fundado em 1937 por membros do Partido Trabalhista, definia-se como defensor do socialismo democrático, com

a perspectiva de uma esquerda não comunista. Orwell foi seu editor literário de 1943 a 1945, permanecendo depois como colaborador. Ele foi convidado para o cargo logo após deixar a BBC, onde estava descontente com seu papel na propaganda governamental, entre outras questões. No *Tribune*, Orwell inaugurou *As I Please*. Tal coluna

(...) era isso mesmo: jornalismo de opinião sobre os mais variados tópicos, umas vezes discutindo questões de imediato político, económico ou cultural, outras divagando sobre tudo e mais alguma coisa que interessava ao autor. Era exatamente o tipo de artigo que Orwell se distinguia, pela flexibilidade de tema, registo e forma de tratamento que proporcionava, e onde podia explorar sua capacidade de interligação entre as múltiplas dimensões do real. O formato assentava-lhe como luva, permitindo-lhe também esse contacto próximo com o “homem comum”, que Orwell muito prezava, bem como o diálogo com os/as leitores/as, a que nunca se eximiu, respondendo sempre às inúmeras cartas recebidas e frequentemente mencionando, nos artigos seguintes, as críticas a que fora sujeito. A voz tipicamente orwelliana encontra aqui o fórum ideal para se expressar, desenvolver e consolidar. *As I Please* confirma Orwell como um jornalista inato, exemplar tanto na técnica quanto na ética que subjaz tudo o que escreveu. Os cinquenta e nove artigos que escreveu entre 1943 e 1945 são mais do que jornalismo efêmero e rapidamente caducado. Muitos se leem mais como ensaios do que peças de ocasião, mantendo ainda hoje o interesse não só pelo que nos revelam da personalidade do autor, mas pela visão certa, sardónica, provocatória e sempre estimulante que dão do mundo à nossa volta. (MATOS, 2021a, p.293-4).

Mesmo sendo um jornal partidário, Orwell manteve em sua coluna o espírito conversacional dos "ensaístas de periódico". Ele registra, por exemplo, o interesse em resenhar bons livros de autores conservadores. Essa abertura traria a marca liberal do ensaísmo britânico, que, como apontado por Hazlitt, “não negocia com cláusulas severas sobre proscricções e anátemas, mas com distinções sutis e criações liberais”.

Entre as edições brasileiras que contemplam sua produção, Piza sustenta que “a ficção de Orwell é profundamente interligada com seus ensaios e reportagens”. O autor teria o “dom de desafiar os lugares-comuns vigentes na população, ao mesmo tempo que enfrentava as ilusões da intelectualidade de esquerda” (PIZA, 2020, p.10-13), como diz no prefácio da primeira coletânea, editada em 2005.

Já no terceiro volume de coletâneas da mesma editora, que sairia em 2017, Sérgio Augusto ostenta que “minimizar a importância dos arrazoados de *As I Please* tem sido a norma dos compiladores de Orwell, com a qual orgulhosamente rompi”. Nesse volume, os textos são publicados de forma parcial, como explica seu editor: “Extraí algumas notas e dispensei as que me pareceram datadas, supérfluas ou mesmo obscuras aos olhos do presente” (2020, p. 13). Na visão de Augusto, o próprio nome, “Como eu quiser”, representaria “um atestado de independência total”.

De variado tamanho, discursivas e sem medo de polêmica, nelas cabia de tudo, de temas transcendentais (as mentiras alimentadas pelas guerras, a essência do fascismo, as barreiras internacionais impostas pelo nacionalismo e os Estados totalitários, a mesmice da propaganda de esquerda e direita, os expurgos de escritores nos regimes comunistas) a amenidades que por vezes surpreendem negativamente os leitores com menor jogo de cintura e impermeáveis ao humor, algo sardônico, do colunista. (AUGUSTO, 2020, p. 13).

O organizador da edição também recorre à herança ensaística de nomes como William Hazlitt, Samuel Johnson e Charles Lamb, mas lamenta que Orwell não tenha deixado seguidores à altura, considerando “difícil imaginar um sucedâneo de Orwell no universo jornalístico de hoje, com tantas restrições de espaço e independência, e tanto estímulo à banalização” (AUGUSTO, 2020, p. 11).

As traduções em si também foram um desafio à posteridade de Orwell. A primeira versão de *Animal Farm* no Brasil, em 1964, foi usada como propaganda anticomunista, tendo como tradutor o tenente Heitor Aquino Ferreira, próximo de militares que comandaram a ditadura no país daquele ano até 1985³. Em 1984, Bonalume Neto faz uma crítica sobre o uso da obra, quando descreve:

O fato de Orwell ter sido um socialista é comodamente evitado pelos que usam suas obras como propaganda, já que não é possível inferir facilmente de seus dois livros de sucesso suas verdadeiras convicções políticas. É uma pena que seus dois trabalhos aptos a durar não exponham mais claramente a sua escolha, tornada evidente num artigo escrito pouco depois da Segunda Guerra: “Cada linha de trabalho sério que eu escrevi desde 1936 foi escrita, direta ou indiretamente, *contra* o totalitarismo e *a favor* do socialismo democrático, como eu o entendo” (grifo dele). (NETO, 1984, p. 8).

O olhar contemporâneo deve fazer jus às intenções do autor, até então estudado nas mais variadas esferas. Os ensaios publicados no *Tribune* foram o foco da coletânea editada por Peter Anderson (2006), contextualizada com introdução, notas de rodapé e índice por assuntos abordados. A edição, esgotada em 2022, foi acessada através da plataforma colaborativa Archive.Org⁴. Pela completude e organização de informações, optou-se por consultar os artigos originais a partir dessa fonte.

Na introdução (2006, p. 1), Anderson descreve que Orwell deixou o trabalho e salário maiores na BBC para integrar a edição literária no *Tribune*, onde teria, além de mais liberdade, tempo para escrever a obra que já tinha em mente: *Animal Farm*. O escritor iniciou a coluna em 3 de dezembro de 1943 e, em março de 1944 o livro estava pronto. A publicação, porém,

³ Ver artigo de Caio Spechoto em <<https://www.poder360.com.br/literatura/george-orwell-entra-em-dominio-publico-obra-vai-do-totalitarismo-a-culinaria/>>

⁴ <<https://archive.org/details/orwellintribunea0000orwe/>>

enfrentou alguns empecilhos, como a recusa de editoras devido ao contexto político, além das dificuldades materiais, como disponibilidade de papel, um dos suprimentos cujo abastecimento foi afetado pela guerra.

Simpatizante da política do jornal, Orwell teve a liberdade editorial garantida pelos diretores à época, Aneurin Bevan e Jon Kimche, o que rendeu uma parceria que durou 13 meses como editor literário e outros três anos e meio como colunista. Neste período, sua produção abrangeu toda a diversidade de assuntos que fazem parte da “classificação” básica dos “ensaios de periódicos”, mas com um poder atemporal não só de demarcar uma época como alertar para as que viriam, mas não veria, como resume Anderson:

Nem tudo o que ele discute permanece atual. A União Soviética e o império britânico acabaram, a Guerra Fria veio e se foi, e os melhores escritores da Inglaterra não foram de direita por um tempo. Mas o totalitarismo e o imperialismo ainda são assuntos muito vivos, e o comprometimento de Orwell em falar verdades inconvenientes, seus avisos sobre as escorregadas da linguagem política e o sensacionalismo da imprensa popular, suas preocupações com a intolerância religiosa e de raça e sua convicção de que há mais na vida do que política são tão relevantes quanto eram nos anos 1940. (ANDERSON, 2006, p.3).

Os ensaios que traduzimos aqui abordam temas que vão desde a taxa de natalidade até o uso de maquiagem pelas mulheres, passando por questões domésticas como a lavagem de roupas e louças. O período coberto vai de abril de 1944 a dezembro de 1946, em colunas não necessariamente traduzidas na íntegra, mas em excertos, considerando a seleção de assuntos a partir do índice da coletânea de Anderson. No total, traduzimos 14 textos, sendo dois de colunas integrais, os demais como um excerto ou mais partes de uma coluna, já que era comum Orwell tratar de várias temáticas numa mesma publicação. As versões originais são apresentadas nos anexos.

2. TRADUÇÕES

2.1 | Na frente do seu nariz

In front of your nose - 22 de março de 1946

Algumas declarações recentes na imprensa⁵ sustentam que é quase (senão totalmente) impossível para nós extrairmos a quantidade de carvão de que necessitamos para propósitos domésticos e de exportação, devido à dificuldade de conduzir um número suficiente de mineiros de volta às extrações. Uma porção de números que vi na semana passada estimava que a taxa de abandono anual de trabalhadores nas minas era de 60 mil, enquanto a admissão anual de novos era de 10 mil. Simultaneamente a isso - e às vezes na mesma coluna do mesmo artigo - havia declarações de que seria indesejável contratar poloneses ou alemães porque isso levaria ao desemprego na indústria de carvão. As duas falas nem sempre vêm das mesmas fontes, mas com certeza há muitas pessoas capazes de colocar essas ideias totalmente contraditórias em suas cabeças por um momento.

Este é um mero exemplo de um hábito mental que é extremamente generalizado, e talvez sempre tenha sido. Bernard Shaw, no prefácio de *Andrócles e o Leão*, cita como outro exemplo o primeiro capítulo do Evangelho segundo Mateus, que começa estabelecendo a descendência de José, pai de Jesus, de Abraão. No primeiro verso, Jesus é descrito como “o filho de Davi, o filho de Abraão”, e a árvore genealógica continua por quinze versos: então, nos versos seguintes, exceto por um, é explicado que é fato que Jesus não era descendente de Abraão, uma vez que não é filho de José. Isso, diz Shaw, não representa uma dificuldade a um crente religioso, e ele menciona como um caso paralelo o motim no extremo Leste de Londres pelos partidários do Requerente Tichborne⁶, que declararam que trabalhadores britânicos estavam cansados de não terem seus direitos.

⁵ Considera-se, para a época, a circulação de notícias principalmente por meios radiofônicos, além de impressos como jornais e revistas.

⁶ Sobre Roger Charles Tichborne (1829-1854), Peter Davison explica: “foi o herdeiro de uma grande propriedade em Hampshire, e se perdeu no mar em 1854. A mãe recusou-se a aceitar a morte do filho e, ao saber que um açougueiro que trabalhava em Wagga Wagga, na Austrália, afirmou para ser o herdeiro, ela reconheceu sua reivindicação. Isso levou a um julgamento em 1871-72, marcado por evidências conflitantes, que resultou em sua declaração de impostor. Dizia-se que sua verdadeira identidade era Arthur Orton, de Wapping (uma área portuária de Londres). Em 1874, ele foi considerado culpado de perjúrio e preso. Libertado em 1884, morreu pobre em 1898. <<https://www.orwellfoundation.com/the-orwell-foundation/orwell/essays-and-other-works/in-front-of-your-nose/>>).

Em termos médicos, acredito que esse tipo de pensamento é chamado esquizofrenia: em qualquer frequência, é o poder de manter simultaneamente duas crenças em que uma cancela a outra. Intimamente ligado a isso está o poder de ignorar fatos que são óbvios e inalteráveis, e que precisarão ser encarados cedo ou tarde. É especialmente no pensamento político que esses vícios afloram. Deixe-me tirar da cartola algumas amostras de assuntos. Eles não têm conexão orgânica entre si: são meros casos, escolhidos quase aleatoriamente, simples, fatos inconfundíveis esquivados por pessoas que em outra parte de suas mentes estão conscientes desses fatos.

Hong Kong. Por anos antes da guerra, todo mundo com conhecimento das condições do Extremo Oriente sabia que nossa posição em Hong Kong era insustentável e que iríamos perdê-la tão logo a grande guerra começasse. Essa noção, no entanto, era intolerável, e um governo após o outro continuou se agarrando a Hong Kong em vez de devolvê-la aos chineses. Tropas novas foram empurradas para lá, com a certeza de que seriam presos inutilmente, algumas semanas antes de começar o ataque dos japoneses. A guerra veio e Hong Kong imediatamente caiu - como todo mundo sabia que aconteceria.

Alistamento obrigatório. Por anos, antes da guerra, quase todas as pessoas esclarecidas eram a favor de enfrentar a Alemanha: a maioria delas também era contra ter armamentos suficientes para garantir um enfrentamento efetivo. Conheço bem os argumentos usados para defender essa atitude; alguns deles são justificáveis, mas a maioria são simples desculpas forenses. Até 1939, o Partido Trabalhista votou contra o alistamento obrigatório, um gesto que provavelmente teve seu papel na realização do Pacto Russo-Alemão e certamente teve um efeito desastroso no moral da França. Então chegou 1940 e nós quase perecemos pela falta de um grande e eficiente exército, o qual só poderíamos ter se tivéssemos introduzido o recrutamento pelo menos três anos antes.

A taxa de natalidade. Vinte ou vinte e cinco anos atrás, contracepção e esclarecimento foram considerados quase sinônimos. Até hoje, a maioria das pessoas argumenta - o argumento varia, mas sempre quer dizer mais ou menos a mesma coisa - que grandes famílias são impossíveis por razões econômicas. Ao mesmo tempo, é amplamente reconhecido que a taxa de natalidade é maior nas nações menos desenvolvidas, e, em nossa população, maior nos grupos com pior renda. Também é defendido que uma população menor significaria menor desemprego e mais conforto para todos, enquanto, por outro lado, está bem estabelecido que a uma população menor e envelhecida depara-se com problemas econômicos calamitosos e talvez insolucionáveis. Os números são incertos, mas é possível que em apenas setenta anos nossa

população chegará a cerca de onze milhões, com mais da metade de aposentados por velhice. Uma vez que, por razões complexas, a maioria das pessoas não quer famílias grandes, os fatos assustadores só podem existir em algum lugar de suas consciências, simultaneamente conhecidos e desconhecidos.

ONU. Para ter qualquer eficácia, uma organização mundial deve ser capaz de controlar grandes estados, assim como os pequenos. Deve ter poder para inspecionar e limitar armamentos, o que significa que seus oficiais devem ter acesso a cada quarteirão de todos os países. Também deve ter à sua disposição uma força armada maior do que qualquer outra, e ser responsável apenas pela própria organização. Os dois ou três estados que realmente importam nunca sequer fingiram concordar com qualquer uma dessas condições, e eles organizaram a constituição da Organização das Nações Unidas, onde suas próprias ações não podem ser sequer discutidas. Em outras palavras, a utilidade da ONU como um instrumento de paz mundial é nula. Isso era tão óbvio antes de começar a funcionar como o é agora. Ainda assim, há apenas alguns meses, milhões de pessoas bem informadas acreditaram que seria um sucesso.

Não adianta multiplicar os exemplos. A questão é que todos nós somos capazes de acreditar em coisas que *sabemos* ser falsas e, então, quando finalmente é provado que estamos errados, distorcemos descaradamente os fatos para mostrar que estávamos certos. Intelectualmente, é possível continuar esse processo indefinidamente: o único problema é que, cedo ou tarde, uma falsa crença esbarra na realidade sólida, geralmente em um campo de batalha.

Quando se olha para a esquizofrenia predominante nas sociedades democráticas, as mentiras que precisam ser contadas para obter votos, o silêncio sobre questões importantes, as distorções da imprensa, é tentador acreditar que em países totalitários há menos farsa e mais disposição de encarar os fatos. Lá, pelo menos, os grupos dominantes não dependem do favor popular e podem dizer a verdade nua e crua. Goering⁷ poderia dizer 'Armas antes da manteiga'⁸, enquanto seus oponentes democráticos tiveram que embrulhar o mesmo sentimento em centenas de palavras hipócritas.

Na verdade, evitar a realidade é praticamente a mesma coisa em todos os lugares, com as mesmas consequências. O povo russo aprendeu durante anos que era melhor do que todos os

⁷ Hermann Goering foi um dos líderes do partido nazista, responsável pela construção dos primeiros campos de concentração para os opositores ao regime e organização da polícia secreta (Gestapo). Condenado à morte como criminoso de guerra pelo Tribunal Militar Internacional de Nuremberg, se antecipou à execução e se suicidou com veneno em 15 de outubro de 1946.

⁸ No original, 'Guns before butter', numa expressão usada para referenciar o investimento estatal em armamento militar, em vez de bens de consumo. É atribuída a Goring a frase "Guns will make us powerful; butter will only make us fat" - "Armas nos deixarão poderosos; manteiga nos deixará gordos".

outros, e cartazes de propaganda mostravam famílias russas sentadas para uma refeição farta enquanto o proletariado de outros países passava fome na sarjeta. Enquanto isso, os trabalhadores dos países ocidentais estavam em situação tão boa quanto os da União Soviética que o não contato entre cidadãos soviéticos e forasteiros tinha de ser uma política de Estado. Então, como resultado da guerra, milhões de russos adentraram a Europa e, quando retornarem para casa, a fuga original da realidade será inevitavelmente paga em atritos de vários tipos. Os alemães e os japoneses perderam a guerra em grande parte porque seus governantes foram incapazes de ver os fatos que eram claros para qualquer olho imparcial.

Ver o que está diante do nariz requer uma luta constante. Uma coisa que ajuda nisso é manter um diário, ou, pelo menos, algum tipo de registro das opiniões de alguém sobre eventos importantes. Caso contrário, quando alguma crença particularmente absurda for destruída pelos eventos, a pessoa pode simplesmente esquecer que alguma vez a sustentou. As previsões políticas geralmente estão erradas. Mas mesmo quando alguém acerta, descobrir *por que* alguém estava certo pode ser muito esclarecedor. Em geral, só se tem razão quando o desejo ou o medo coincidem com a realidade. Se alguém reconhece isso, não pode, é claro, se livrar de seus sentimentos subjetivos, mas pode até certo ponto isolá-los de seu pensamento e fazer previsões a sangue frio, pelo livro da aritmética. Na vida pessoal, a maioria das pessoas é bastante realista. Quando alguém está fazendo o seu orçamento semanal, dois mais dois invariavelmente são quatro. A política, por outro lado, é uma espécie de mundo subatômico ou não euclidiano, onde é muito fácil que a parte seja maior que o todo ou que dois objetos estejam no mesmo lugar simultaneamente. Daí as contradições e absurdos que narrei acima, todos finalmente rastreáveis a uma crença secreta de que as opiniões políticas de alguém, ao contrário do orçamento semanal, não terão que ser testadas contra a realidade sólida.

2.2 | Os livros e as pessoas: uma mensagem de ano novo

Books and the people: a new year message - 5 de janeiro de 1945

Há alguns meses temos a intenção de fazer algum tipo de exposição explicativa sobre a política literária do *Tribune*, para o presente e para o futuro, e a primeira semana do novo ano parece um momento adequado para isso. Leitores regulares do *Tribune* devem ter notado que durante os últimos meses imprimimos contos apenas de forma intermitente, menos versos do que costumávamos e alteramos nosso sistema de resenhas, com uma resenha completa a cada semana para apenas um livro e notas curtas de 200 palavras para todos os outros. O novo sistema

parece garantir a satisfação geral. Por meio dele, podemos cobrir, incluindo os livros da coluna de Daniel George⁹, qualquer coisa até quinze livros por semana aproximadamente, podendo assim manter em dia a produção atual, o que era completamente impossível antes. Podemos também mencionar algumas reimpressões baratas e até um certo número de panfletos e periódicos. De tempos em tempos, nossos leitores nos cobram que nos concentremos em livros que a pessoa comum não pode comprar, mas qualquer um que confira nossas colunas anteriores verá que a Penguin e outras publicações muito baratas tiveram sua vez.

A queda gradual da publicação de contos é intencional. Provavelmente, serão abandonados por completo futuramente, ainda que não seja recusado um *bom* conto quando acontecer de recebermos algum. Também iremos, de tempos em tempos, como já aconteceu uma ou duas vezes, imprimir partes destacáveis de livros antigos. Parece-nos algo útil, em tempos como agora, quando tantos livros de padrão são impossíveis de obter.

Foi com relutância que decidimos abandonar os contos, mas a qualidade das histórias enviadas a mim faz com que elas, em mais de nove casos entre dez, simplesmente não valham a tinta e o papel. Há muito tempo havia um volume justificado de reclamações dos leitores de que as histórias do *Tribune* eram “sempre tão deprimentes”. O problema, como qualquer um no meu lugar rapidamente entenderia, é que hoje em dia quase nunca se vê uma história com sérias pretensões literárias que *não* seja sombria. Há várias e complexas razões para isso, mas penso que a moda literária é uma delas. O “final feliz”, ou certamente qualquer admissão de que qualquer coisa está certa com o mundo em qualquer lugar, parece estar tão desatualizado quanto a moda dos bigodes Dundreary¹⁰, e dificilmente parecer valer a pena difundir o desânimo nas páginas finais do jornal, a não ser que envolva uma distinção literária excepcional. Muitos leitores me disseram, por escrito e no boca a boca, o quão cansados estão do tipo de história que começa “O marido de Marjorie será enforcado na terça, e as crianças estão famintas”, ou “Por sete anos, nenhum raio de sol penetrou o quarto empoeirado onde William Grocock, um agente de seguros aposentado, estava morrendo de câncer”; mas não acho que estejam mais cansados delas do que eu, que tenho de trabalhar com cerca de vinte histórias toda semana.

Ao publicar menos histórias teremos mais espaço para ensaios e artigos sobre literatura ou temas gerais, isto é, não diretamente políticos. Mas sobre todos aqueles leitores que reclamam que não temos artigos suficientes sobre música, ou pintura, ou arte dramática, ou rádio, ou métodos educacionais modernos, ou psicanalistas, ou o que não fazer, tenho uma

⁹ Daniel George Buntin (1870-1967) foi ensaísta e poeta. Ele resenhou para o *Tribune* até a década de 1950.

¹⁰ Conhecidos como suíças, ou costeletas de carneiro, muito em alta nos anos 1870 e 1970.

importante consideração: temos muito pouco espaço. Na maioria das semanas, temos bem menos que cinco páginas à nossa disposição, e já reduzimos as impressões para resenhas curtas. É principalmente a falta de espaço que nos impede de garantir alguma nota sobre rádio, gravações de gramofone e música em geral. Não conseguiríamos fazer isso regularmente, tampouco manter suficientemente atualizado. Nem podemos divulgar concertos, exposições, etc, porque ocorrem apenas em um lugar, geralmente em Londres, e os leitores do *Tribune* estão espalhados por todo o país.

Até agora tenho lidado com detalhes. Mas é necessária uma defesa geral, ou ao menos uma explicação, sobre nossa política literária, porque certamente há críticas de todos os tipos que aparecem de várias formas, repetidamente. Nossos críticos se dividem em duas principais escolas. É impossível satisfazer ambas e, na prática, devo dizer, é impossível satisfazer qualquer uma.

A primeira escola nos acusa de sermos populares, vulgares, ignorantes, obcecados por política, hostis às artes, dominados por panelinhas de troca de favores e ansiosos por impedir jovens escritores talentosos de ter audiência. A outra escola nos acusa de sermos intelectuais, artísticos, burgueses, indiferentes à política e de estar constantemente desperdiçando espaço em materiais que não são interessantes para um trabalhador, ou que não têm uso prático para o movimento socialista. Os dois pontos precisam ser contemplados, pois entre eles se expressa a dificuldade inerente em dirigir qualquer jornal que não seja uma pura folha de propaganda.

Contra a primeira escola, pontuamos que o *Tribune* alcança uma grande e heterogênea audiência de esquerda e não pode ser transformado numa espécie de folha comercial para jovens poetas, ou uma promoção na qual gangues rivais de surrealistas, apocalípticos e os incapazes possam lutar suas batalhas¹¹. Consideramos o nosso público inteligente, mas não com interesses primários literários ou artísticos, e menos ainda que todos nossos leitores foram educados da mesma forma e conhecerão as mesmas piadas e reconhecerão as mesmas referências. As pequenas revistas literárias tendem a desenvolver uma espécie de atmosfera familiar - e, no risco de ofender um colaborador vez ou outra, nos esforçamos para evitar que esse tipo de coisa seja importada ao *Tribune*. Nunca, por exemplo, resenhamos livros escritos em outras línguas, e tentamos cortar trechos evitáveis de citações estrangeiras e referências literárias obscuras.

¹¹ Na verdade, o *Tribune* não evitou completamente envolver-se nas lutas internas dos grupos modernistas rebeldes. Os colaboradores de suas páginas literárias incluíam vários membros proeminentes do Grupo de Surrealistas Ingleses, bem como dos Novos Apocalípticos, um grupo de poetas que tirou o nome da antologia *The New Apocalypse*, de 1940 (Londres: Fortune Press), editado por J. F. Hendry (1912-86) e Henry Treece (1911-66). Houve várias ocasiões em que as divergências entre eles inflamaram nas páginas de cartas.

Tampouco publicamos nada que seja verbalmente ininteligível. Recebi várias cartas raivosas por causa disso, mas me recuso a ser responsável por imprimir qualquer coisa que eu não entenda. Se não entender, são inúmeras as chances de nossos leitores não conseguirem também. Quanto à acusação de que somos dominados por panelinhas (contribuições às vezes chegam com uma indagação sarcástica como se “alguém fora da panelinha” pudesse palpitar), uma rápida olhada em nossas edições anteriores facilmente refutaria isso. O número de nossos colaboradores é muito maior do que o habitual num jornal dessas dimensões, e muitos deles são pessoas cujo trabalho dificilmente apareceu em outros lugares.

A outra escola de críticos apresenta uma dificuldade mais séria. Todo jornal socialista que tem uma seção literária é atacado de tempos em tempos pela pessoa que diz: “Para que serve toda essa coisa literária? Isso nos aproxima do socialismo? Se não, descartem. Não é nossa tarefa trabalhar para o socialismo em vez de perder nosso tempo com literatura burguesa?”. Existem várias respostas rápidas para essa pessoa (ele é facilmente contido, por exemplo, pontuando que Marx escreveu algumas críticas excelentes de Shakespeare), mas mesmo assim, ele tem um argumento. Aqui está, colocado de forma extrema por um correspondente na edição da semana passada:

Posso perguntar se as resenhas de livros em seu jornal contribuem em grande parte (ou de alguma maneira) para sua manutenção? Se não, por que um espaço tão precioso é usado toda semana com descrições de livros que (presumo) poucos dos seus leitores compram?

Como socialista, meu objetivo na vida é destruir o toryismo¹².

Para isso, preciso de todas as munições que puder obter e vejo o *Tribune* como a principal fonte de abastecimento. Você pode responder que alguns dos livros seriam úteis para esse propósito, mas acho que seria uma porcentagem muito pequena, e em todo caso, não tenho dinheiro para comprá-los nem tempo para lê-los.

Este leitor, a propósito, como muitos outros que escrevem na mesma linha, mostra-se sob o equívoco de que, para ler livros, você tem que comprá-los. Na verdade, você pode ler a maioria dos livros mencionados no *Tribune* sem nunca comprar um livro entre um final de ano e o outro. Para que servem as bibliotecas - não apenas Boots, Smith's, etc, mas as bibliotecas públicas nas quais tantos chefes de família entre seus conhecidos pode obter três bilhetes sem qualquer custo? Mas nosso correspondente também assume (a) que um socialista não precisa de recreações, e (b) que livros não têm utilidade para o movimento socialista, a menos que

¹² Referência ao partido Tory, nome pelo qual é conhecido o Partido Conservador.

consistam em propaganda direta. É este ponto de vista que desafiamos tacitamente quando, por exemplo, usamos uma coluna inteira em um poema, ou publicamos a popularização de algum escritor morto pouco conhecido, ou trazemos uma resenha positiva a um livro escrito por um conservador.

Mesmo o livro mais apolítico, mesmo um livro completamente reacionário pode ser útil para o movimento socialista, se fornecer informações confiáveis ou forçar as pessoas a pensar. Mas também assumimos que os livros não devem ser considerados simplesmente como propaganda, que a literatura existe em seu próprio direito - e que grande parte de nossos leitores está interessado nela. Isso envolve, inevitavelmente, uma ligeira divergência entre as seções política e literária do jornal. Obviamente não podemos publicar contribuições que violam grosseiramente a política do *Tribune*. Mesmo em nome da liberdade de expressão um jornal socialista não pode, por exemplo, abrir suas colunas à propaganda antissemítica. Mas é apenas nesse sentido negativo que qualquer pressão é colocada sobre os colaboradores da parte literária do jornal. Examinando a lista de nossos colaboradores, encontro entre eles católicos, comunistas, trotskistas, anarquistas, pacifistas, conservadores de esquerda e partidários do Partido Trabalhista de todas as cores. Todos eles sabem, é claro, para qual tipo de jornal estão escrevendo e quais tópicos devem ser deixados de lado, mas é justo citar que nenhum deles jamais teve solicitada a modificação de algo que tenha escrito sob a justificativa de estar fora das políticas do jornal.

Isso é particularmente importante no caso das resenhas de livros, nas quais é muito difícil para o resenhista evitar indicar suas próprias opiniões. Até onde sei, alguns periódicos coagem seus resenhistas a seguir a linha política do jornal, mesmo que tenham que alterar suas próprias opiniões para isso¹³. O *Tribune* nunca fez isso. Defendemos que o trabalho do resenhista é dizer o que ele acha do livro com o qual está lidando, e não o que achamos que nossos leitores devem pensar. E se, como resultado, opiniões não ortodoxas forem expressas de vez em quando - mesmo que ocasionalmente contradigam alguma declaração editorial no outro extremo do jornal, acreditamos que nossos leitores são fortes o suficiente para suportar uma certa quantidade de diversidade. Acreditamos que o ser humano mais perverso é mais interessante do que o disco de gramofone mais ortodoxo. Embora, nesta seção do jornal, nosso objetivo principal seja falar sobre livros como livros, acreditamos que quem defende a liberdade

¹³ A experiência mais notória de Orwell nisso foi com o *New Statesman*, que, em 1937 recusou, por motivos políticos, sua resenha do livro de Franz Borkenau, *The Spanish Cockpit*.

do intelecto, nesta era de mentiras e arregimentação, não está servindo à causa do socialismo tão mal também.

2.3 Sobre armas de guerra e sumiço de livros

As I Please 31 - 30 de junho de 1944 (excertos)

Notei que, além da queixa generalizada de que os aviões alemães sem piloto “parecem tão anormais” (uma bomba lançada por um avião vivo é completamente normal, aparentemente), alguns jornalistas estão os denunciando como bárbaros, desumanos e como “um ataque indiscriminado a civis”.

Depois do que temos feito aos alemães nos últimos dois anos, isso parece um pouco pesado, mas é a resposta humana normal a cada nova arma. Gás venenoso, a metralhadora, o submarino, a pólvora e até a besta foram denunciados da mesma forma em sua época. Toda arma parece injusta até que você mesmo a adote. Mas eu não negaria que o avião sem piloto, a bomba voadora, ou qualquer que seja o nome correto, é uma coisa excepcionalmente desagradável, porque, ao contrário da maioria dos outros projéteis, dá tempo para pensar. Qual é a sua primeira reação quando você ouve aquele zumbido? É inevitável a esperança de que o barulho *não* pare. Você quer ouvir a bomba passar com segurança e morrer à distância antes que o motor desligue. Em outras palavras, você espera que ela caia sobre outra pessoa. O mesmo quando você se esquiva de um projétil ou de uma bomba comum - mas, nesse caso, você tem apenas cerca de cinco segundos para se proteger e nenhum para especular sobre o egoísmo profundo do ser humano.

Dizem que milhões de livros pereceram na blitz de 1940, incluindo mil títulos insubstituíveis. A maioria deles provavelmente não teve perdas, mas é desanimador descobrir quantas obras padrão estão agora completamente esgotadas. O papel está disponível para as mais horríveis tolices¹⁴, como você pode ver em qualquer vitrine de livraria, enquanto todas as edições reimpressas, como a Everyman Library, têm enormes lacunas em suas listas. Mesmo uma obra de referência tão conhecida como o dicionário Webster não pode mais ser obtida, a

¹⁴ No original: "Paper is forthcoming for the most ghastly tripe", sendo essa a hipótese para a interpretação de tal passagem.

menos que você encontre uma cópia de segunda mão. Cerca de um ano atrás tive que fazer uma transmissão sobre Jack London. Quando comecei a coletar o material, descobri que os livros dele que eu mais queria haviam desaparecido tão completamente que nem mesmo a Biblioteca de Londres podia oferecê-los. Para pegá-los, eu deveria ter ido à sala de leitura do Museu Britânico, que hoje em dia não é de fácil acesso. E isso me parece um desastre, pois Jack London é um daqueles escritores limítrofes cujas obras podem ser completamente esquecidas, a menos que alguém se dê ao trabalho de resgatá-las. Mesmo *The Iron Heel* foi distintamente uma raridade por alguns anos, e só foi reimpresso porque a ascensão de Hitler ao poder o tornou atual...

2.4 Sobre taxa de natalidade

As I Please 20 - 14 de abril de 1944 (excerto)

A edição de abril da *Common Wealth* dedicou muitos parágrafos para o problema da queda da taxa de natalidade britânica. Boa parte do que diz é verdade, mas vamos destacar as seguintes observações:

Os sabem-tudo serão ligeiros em apontar contraceptivos, erros de nutrição, infertilidade, egoísmo, insegurança econômica, etc, como causas básicas da queda. Mas os fatos não sustentam esses motivos. Na Alemanha nazista, onde os anticoncepcionais são ilegais, a taxa de natalidade alcançou uma queda recorde, enquanto na União Soviética, onde não há essas restrições, a população saudavelmente aumenta e aumenta... A reprodução, como o experimento de Peckham¹⁵ ajudou a provar, é estimulada num ambiente marcado pela fraternidade e cooperação... Uma vez que o significado e o propósito são devolvidos à vida, que as rodas da produção são mantidas girando, e a vida novamente é uma aventura em vez de resistência, não ouviremos mais sobre a falta de bebês.

Não é justo para o público tratar assuntos importantes dessa forma desleixada. Para começar, você suporia que, da passagem acima, Hitler baixou o índice de natalidade alemão. Ao contrário, ele aumentou para níveis sem precedentes durante a República de Weimar. Antes da guerra estava acima do nível de reposição, pela primeira vez em muitos anos. A catástrofe que atingiu a taxa de natalidade alemã começou em 1942, e foi parcialmente causada devido a

¹⁵ O “experimento de Peckham” foi um inovador centro de cuidados preventivos da saúde no Sudeste de Londres inaugurado em 1935.

tantos homens alemães estarem longe de seus lares. Números ainda não estão disponíveis, mas a taxa de natalidade russa certamente caiu no mesmo período.

Você também poderia supor que a alta taxa de natalidade russa data da revolução. Mas também era alta na época czarista. E não há nenhuma menção dos países onde a taxa de natalidade é a maior de todas, como Índia, China e (só um pouco atrás) Japão. Seria mais exato dizer, por exemplo, que a vida camponesa de um indiano do sul é ‘uma aventura em vez de apenas uma resistência’?

A única coisa que pode ser dita com completa certeza neste assunto é que a alta taxa de natalidade acompanha o baixo padrão de vida, e vice-versa. Há poucas, se nenhuma, real exceção a isso. Por outro lado, a questão é extremamente complexa. É, ao mesmo tempo, de vital importância conhecer o máximo a respeito, porque haverá uma calamitosa queda em nossa população a não ser que a tendência atual seja revertida em 10 ou, no máximo, 20 anos. Pode-se não presumir, como algumas pessoas, que isso é impossível, devido às mudanças de tendências que já aconteceram tantas vezes antes. Os especialistas estão provando agora que a nossa população será apenas alguns milhões até o fim deste século, mas eles também provaram em 1870 que em 1940 seria de 100 milhões. Para alcançar o nível de reposição novamente, nossa taxa de natalidade não precisa ter uma alta sensacional como, por exemplo, aconteceu na Turquia após Mustafá Kemal tomar o poder. Mas a primeira necessidade é descobrir o motivo de as populações aumentarem e caírem, e é tão anticientífico supor que uma alta taxa de natalidade é um subproduto do socialismo quanto engolir tudo o que é dito sobre o assunto por padres católicos romanos sem filhos.

2.5 | Sobre casamentos

As I Please 26 - 26 de maio de 1944 (excerto)

A edição de maio da *Matrimonial Post and Fashionable Marriage Advertiser* contém anúncios de 191 homens procurando noivas contra 200 mulheres procurando maridos. Anúncios desse tipo têm aparecido em séries inteiras de revistas desde os anos 1860 ou antes e eles são sempre muito parecidos. Por exemplo:

Solteiro, 25 anos, 1,85 de altura, magro, gosto de hortas e jardins, animais, crianças, cinema, etc, gostaria de conhecer uma dama de 27 a 35 anos, que ame flores, natureza e crianças, que seja alta e da Igreja Anglicana.

A procura geral deles é como esta, ainda que às vezes uma nota menos usual apareça. Por exemplo:

Tenho 29 anos, solteiro, 1,77m, inglês, corpulento, gentil, quieto, interesses intelectuais variados, valores morais firmes (registrado incondicionalmente como um absoluto CO¹⁶), progressivo, criativo, com inclinações literárias. Revendedor de selos raros, renda variável, mas adequada. Nadador forte, ciclista, ligeiro gaguejar, ocasionalmente.

Procurando esta raridade: amável, adaptável, educada, fácil de ver e ouvir, com menos de 30 anos, tipo secretária ou similar, mentalmente aventureira, imune a incentivos mercenários e sociais, senso de humor genuíno, uma parceira de trabalho confiável. O capital não importa, mas o caráter é vital.

O que é e sempre foi notável nesses anúncios é que quase todos os pretendentes são extraordinariamente elegíveis. Não é só que a maioria deles é mente aberta, inteligente, caseira, musical, leal, sincera e afetuosa, com um entusiasmado senso de humor e, no caso das mulheres, uma boa figura: na maioria dos casos ela está tão bem financeiramente quanto. Quando você considera o quão fatalmente fácil é casar, você não imagina que um solteiro de 36 anos, de ‘cabelo escuro, pele clara, magro, 1,82m, bem educado e atencioso, disposição alegre e inteligente, renda de mil libras por ano e capital’ precisa encontrar uma noiva nas colunas de um jornal. E o mesmo com ‘jovem mulher aventureira, opiniões de esquerda, visão moderna’, com uma ‘figura cheia e formosa, cabelos encaracolados de cor média, olhos azul-acinzentados, pele clara, coloração natural, saúde excepcionalmente boa, interesse em música, arte, literatura, cinema, teatro, que goste de caminhar, pedalar, e de praticar tênis, patinação e remo’. Por que um modelo como esse precisa de anúncio?

Note-se que o *Matrimonial Post* é totalmente honesto e verifica cuidadosamente seus anunciantes.

O que essas coisas realmente demonstram é a solidão atroz das pessoas que vivem em cidades grandes. As pessoas se encontram no trabalho e depois se espalham em lares amplamente separados. Em qualquer lugar em Londres, provavelmente é excepcional saber até os nomes das pessoas que moram ao lado.

Anos atrás fiquei preso por um tempo na Portobello Road¹⁷. Não é um bairro da moda, mas a proprietária tinha sido a dama de companhia de alguma mulher de título e tinha uma boa

¹⁶ Nas pesquisas realizadas não foi possível identificar a que tal sigla se refere.

¹⁷ Via no bairro Notting Hill, no oeste de Londres, atualmente famosa pelo mercado de rua que ocorre aos sábados.

opinião de si mesma. Um dia algo deu errado com a porta da frente e minha senhoria, seu marido e eu estávamos todos trancados para fora da casa. Era evidente que teríamos de entrar por uma janela superior, e como havia um pedreiro na porta ao lado, sugeri pedir-lhe emprestada uma escada. A proprietária parecia um pouco desconfortável.

‘Não gostaria de fazer isso’, ela disse, finalmente. ‘Veja você que não o conhecemos. Estamos aqui há quatorze anos e sempre tomamos o cuidado de não conhecer as pessoas ao nosso lado. Não num bairro como este. Veja você que, se começar a conversar com eles, vão se familiarizar’.

Então tivemos que pegar emprestada uma escada de um parente do marido dela e carregá-la quase um quilômetro e meio com muito trabalho e desconforto.

As I Please 27 - 2 de junho de 1944 (excerto)

Após ler o *Matrimonial Post* na semana passada, procurei em Heródoto uma passagem que lembrava vagamente sobre os costumes matrimoniais dos babilônios. Aqui está:

Uma vez por ano, em cada aldeia, as donzelas em idade de se casar eram reunidas em um só lugar, enquanto os homens as rodeavam em círculo. Então um arauto chamava as donzelas uma a uma e as oferecia à venda. Ele começou com a mais bonita. Quando ela foi vendida por uma quantia nada pequena, ele ofereceu à venda aquela que vinha em seguida em termos de beleza... O costume era que, quando o arauto tivesse passado por todas as belas, deveria chamar a mais feia e oferecê-la, perguntando quem concordaria em levá-la com o menor dote. E o homem que aceitasse a menor quantia a teria designada a ele. Os dotes nos casamentos eram supridos pelo dinheiro pago pelas belas donzelas, e assim as mais bonitas compensavam as mais feias.

Esse costume parece ter funcionado muito bem e Heródoto se entusiasmava com ele. Acrescenta, porém, que, como outros bons costumes, este já estava em desuso por volta de 450 a.C.

2.6 | “Conto da carochinha”¹⁸

As I Please 9 - 28 de janeiro de 1944 (excerto)

¹⁸ No original, “old wives' tale”.

Na outra noite, uma garçonete me informou que, se você despejar cerveja num copo úmido, ela perde o gás muito mais rapidamente. Ela acrescentou que o mesmo acontece ao mergulhar o bigode na cerveja. Imediatamente aceitei isso sem mais perguntas; na verdade, assim que cheguei em casa, cortei meu bigode, o que eu havia esquecido de fazer por alguns dias. Só mais tarde me ocorreu que esta era provavelmente uma daquelas superstições que se mantêm vivas porque têm o ar de serem verdades científicas. Em meu caderno, tenho uma longa lista de falácias que me foram ensinadas na infância, em cada caso não como um conto da carochinha, mas como um fato científico. Não tenho a lista completa, mas há alguns favoritos resistentes:

- Um cisne pode quebrar sua perna com um golpe de sua asa.
- Se você se cortar entre o polegar e o indicador, você fica com o maxilar travado.
- Vidro em pó é venenoso.
- Se você lavar as mãos na água em que os ovos foram fervidos (por que alguém faria isso é um mistério) você terá verrugas.
- Os touros ficam furiosos com a visão do vermelho.
- O enxofre na água potável de um cão funciona como um tônico.

E assim por diante. Quase todo mundo carrega algumas dessas crenças para a vida adulta. Conheci alguém com mais de trinta anos que ainda mantinha a segunda das crenças que listei acima. Quanto ao terceiro, é tão difundido que na Índia, por exemplo, as pessoas estão constantemente tentando envenenar umas às outras com vidro em pó, com resultados decepcionantes.

2.7 | Sobre lavar louça

As I Please 58 - 9 de fevereiro de 1945 (excerto)

Toda vez que lavo um punhado de louça fico maravilhado com a falta de imaginação dos seres humanos que podem viajar sob o mar e voar pelas nuvens, e ainda não descobriram como eliminar de suas vidas diárias essa sórdida perda de tempo de trabalho penoso. Se você entrar na sala da Idade do Bronze no Museu Britânico (quando estiver aberto novamente), notará que alguns de nossos eletrodomésticos mal mudaram em três mil anos. Uma panela, digamos, ou um pente, é praticamente a mesma coisa desde quando os gregos estavam sitiando Tróia. No mesmo período, avançamos do barquinho com vazamentos para o transatlântico de 50 mil toneladas, e do carro de boi para o avião.

É verdade que, na economia de trabalho da casa moderna, onde uma pequena parcela dos seres humanos vive, uma tarefa como lavar louça leva bem menos tempo do que costumava. Com flocos de sabão, água quente em abundância, prateleiras para pratos, uma cozinha bem iluminada e - o que poucas casas na Inglaterra têm - um método fácil de descarte de lixo, pode-se tornar mais tolerável do que costumava ser quando os pratos de cobre tinham que ser polidos com areia em pias de pedra porosa à luz de uma vela. Mas certos trabalhos (por exemplo, limpar uma frigideira que continha peixe) são inerentemente nojentos, e todo esse negócio de mexer com esfregões de louça e bacias de água quente é incrivelmente primitivo. Neste momento, o bloco de apartamentos em que moro está parcialmente inabitável: não por causa da ação do inimigo, mas porque o acúmulo de neve fez com que a água vazasse pelo telhado e derrubasse o reboco do teto. É dado como certo que esta calamidade acontecerá toda vez que houver uma queda de neve excepcionalmente forte. Durante três dias não houve água nas torneiras porque os canos estavam congelados: isso também é uma experiência normal, quase anual. E os jornais acabam de anunciar que o número de canos estourados é tão grande que o trabalho de os reparar só será concluído no final de 1945 - quando, suponho, haverá outra grande geada e todos eles vão estourar novamente. Se nossos métodos de guerra tivessem acompanhado nossos métodos de manutenção da casa, estaríamos prestes a descobrir a pólvora.

2.8 | Sobre lavar roupa

As I Please 65 - 13 de dezembro de 1945 (excerto)

Um leitor escreveu:

Eu ficaria muito satisfeito se pudesse dar uma atenção a um problema que parece ser um perigo que está se tornando completamente negligenciado. Os membros do parlamento, ou quaisquer outras autoridades têm ideia da quantidade de tempo, energia e nervos que muitos cidadãos têm de perder devido à terrível insuficiência de lavanderias?

Não sei se os parlamentares estão cientes da situação atual do nosso serviço de lavanderia, mas qualquer um que precise buscar suas roupas por conta própria, a qualquer custo no meu distrito de Londres, vai concordar com cada palavra do meu leitor. Simplesmente ter o serviço aceito por uma lavanderia é um feito difícil, que não pode ser alcançado até que você tenha morado por muito tempo no distrito e garantido uma boa dose de intriga e bajulação como barganha. Então há a demora e irregularidade das entregas, a espera enfadonha em filas nas

manhãs chuvosas de inverno, as peças perdidas, o sistema de checagem ineficaz, os botões quebrados, os lenços que dificilmente voltam mais brancos do que foram. E o pior de tudo, talvez, é a dificuldade de recuperar a peça lavada quando é enviada para outros por engano, porque isso sempre acontece por alguma falha durante o serviço e a jovem entediada atrás do balcão não sabe de nada a respeito.

Tudo isso é verdadeiro. Mas o leitor prossegue:

Se os parlamentares tivessem consideração pelo povo, uma de suas primeiras tarefas não deveria ser nacionalizar as lavanderias? Elas teriam um funcionamento tão bom quanto do serviço postal. É muito sugerir que tudo que facilite o funcionamento de um lar seja a principal preocupação do governo com o povo?

Infelizmente, a nacionalização não deixaria as lavanderias mais eficientes, assim como nacionalizar a máquina de escrever não tornaria mais fácil escrever este artigo. A nacionalização é uma medida de longo prazo que na maioria dos casos não resulta numa melhora, mas apenas prepara o caminho para um progresso. Nacionalizar as minas de carvão, por exemplo, permite os pesados gastos e o controle centralizado que são necessários antes que as minas sejam atualizadas. Mas não irá, por muitos anos, produzir nenhum carvão a mais ou tornar o trabalho do mineiro mais suportável.

Se as lavanderias fossem nacionalizadas amanhã, teriam que seguir com o mesmo pessoal e equipamento, e sua eficiência não teria grande melhora enquanto a atual escassez continuar. As lavanderias estão ruins porque falta sabão, combustível, maquinário, transporte e, acima de tudo, trabalhadores. Se eles priorizassem quaisquer uma dessas coisas, alguma outra utilidade pública iria sofrer. Tudo volta para a escassez de trabalho, que é o pior, no nosso exaustivo estado atual, pela ausência de qualquer incentivo para trabalhar longas horas. Entramos num desconfortável período de reconstrução que pode durar anos, e espero que os porta-vozes do governo falem de forma mais corajosa. Caso contrário, muitas pessoas podem perder todo o entusiasmo pela nacionalização, tendo ansiado por isso como uma espécie de panaceia, e então descobrir que não fará uma diferença imediata.

Mas concordo que, quando a vida se torna novamente habitável, o sistema de lavanderia precisa de uma reorganização completa. É uma desgraça, por exemplo, que nunca realmente houve um meio de ter as roupas de bebês lavadas fora de casa. Antes da guerra existiu - e recentemente recomeçou - um serviço de fraldas que entregava 12 limpas por dia. Apenas poucas pessoas podem pagar este luxo, e roupas de bebês, além de fraldas, sempre tiveram que

ser lavadas em casa, porque nenhuma lavanderia era barata ou rápida o suficiente para lidar com a grande quantidade de calças, lençóis de berço e assim por diante, que todo bebê demanda. Qual seria o efeito na taxa de natalidade dessa luta interminável com pilhas de roupas de bebê sujas em correntes de ar fio em chão de pedra da cozinha ou nos banheiros minúsculos dos apartamentos?

2.9 | Sobre a desgraça alheia como entretenimento

As I Please 50 - 1º de dezembro de 1944 (excerto)

Digam o que quiser, as coisas mudam. Há alguns anos, eu estava atravessando a ponte Hungerford com uma senhora de aproximadamente 60 anos ou menos. A maré estava baixa e, enquanto olhávamos para os leitos de lama imunda, quase líquida, ela comentou: “Quando eu era uma garotinha, costumávamos jogar moedas de um centavo para os *mudlarks* lá embaixo”.

Fiquei intrigado e perguntei o que eram *mudlarks*. Ela explicou que naqueles dias os mendigos profissionais, conhecidos desta forma, costumavam sentar-se debaixo da ponte esperando que as pessoas lhes jogassem moedas de um centavo. Estas se enterravam profundamente na lama, e os *mudlarks* mergulhavam de cabeça e as recuperavam. Foi considerado um espetáculo muito divertido.

Existe alguém que se degradaria dessa maneira hoje em dia? E quantas pessoas existem que se divertiriam assistindo isso?

2.10 | Sobre a “perda de qualidade” de escritores

As I Please 64 - 6 de dezembro de 1946 (trecho selecionado)

No *Tribune* da semana passada, Julian Symons¹⁹ observou – com razão, acho – que os últimos romances de Aldous Huxley são muito inferiores aos anteriores. Mas ele poderia ter acrescentado que esse tipo de queda é comum em escritores imaginativos, e que isso só passa despercebido quando um escritor é, por assim dizer, levado adiante pelo impulso de seus livros anteriores. Valorizamos H. G. Wells, por exemplo, por *Tono-Bungay*, *Mr Polly*, *The Time Machine*, etc. Se ele tivesse parado de escrever em 1920, sua reputação teria sido mantida tão

¹⁹ Numa das notas da introdução, Anderson explica que Julian Symons (1912-1994) foi um crítico e romancista que conheceu Orwell em 1942, quando o escritor o atacou por ser coautor de um panfleto pacifista que Orwell considerou “mostrar a sobreposição entre fascismo e pacifismo”. Orwell se desculpou e eles se tornaram amigos próximos, com Symons contribuindo frequentemente no *Tribune*. Ele resenhou *1984* para o *Times Literary Supplement* e escreveu o obituário de Orwell para o *Tribune*.

alta quanto está: se tivéssemos o conhecido apenas pelos livros que escreveu após essa data, teríamos uma opinião ruim sobre ele. Um romancista não dura para sempre, assim como um boxeador ou uma bailarina. Ele tem um impulso inicial que vale para três ou quatro livros, talvez até para uma dúzia, mas que cedo ou tarde se esgota. Obviamente não se pode estabelecer nenhuma regra rígida, mas em muitos casos o impulso criativo parece durar cerca de quinze anos: para um prosador esses quinze anos provavelmente seriam entre os 30 e 45 anos de idade. Alguns escritores, é verdade, têm um período de vida muito mais longo e podem continuar se desenvolvendo na meia-idade ou mesmo na velhice. Mas geralmente são escritores (como Yeats, Eliot, Hardy, Tolstói) que fazem uma mudança repentina, quase violenta em seu estilo, ou em seu tema, ou em ambos, e que podem até mesmo tender a repudiar seus trabalhos anteriores.

Muitos escritores, talvez a maioria, deveriam simplesmente parar de escrever quando atingem a meia-idade. Infelizmente nossa sociedade não vai deixá-los parar. A maioria deles não conhece outra maneira de ganhar a vida; e escrever, com tudo o que vem com isso – brigas, rivalidades, bajulação, a sensação de ser uma figura semipública – vira um hábito. Em um mundo razoável, um escritor que dissesse sua opinião simplesmente assumiria outra profissão. Em uma sociedade competitiva, ele sente, assim como um político, que a aposentadoria é a morte. Assim, ele continua por muito tempo depois de esgotado seu impulso e, via de regra, quanto menos consciente ele estiver de imitar a si mesmo, mais grosseiramente ele o faz.

2.11 | Sobre literatura/resenhas

As I Please 58 - 9 de fevereiro de 1945 (excerto)

Uma luz sobre os hábitos dos resenhistas de livros.

Há algum tempo fui contratado para escrever um ensaio para um álbum anual que não teria nome. No último minuto (e quando já tinha o dinheiro, fico contente em dizer), os editores decidiram que meu ensaio deveria ser cortado. No momento, o livro estava prestes a sair. O ensaio foi cortado de cada cópia, mas, por questões técnicas, era impossível tirar meu nome da lista de colaboradores na folha de rosto.

Desde então tenho recebido diversos recortes de imprensa referentes a este livro. Em todos eles, sou mencionado como quem “está entre os colaboradores”, e nenhum resenhista até agora pontuou que a contribuição atribuída a mim não está lá.

2.12 | Sobre o uso de maquiagem pelas garotas

As I Please 22 - 28 de abril de 1944 (excerto)

O senhor Basil Henriques, presidente da Corte Juvenil do Oeste de Londres, se deixou levar pelo assunto da garota moderna. Garotos ingleses, diz ele, são “ótimos”, mas a história é diferente com as garotas:

É raro cruzar com um garoto realmente mau. A guerra parece ter afetado mais as garotas do que os garotos. Crianças agora vão ao cinema várias vezes na semana e veem o que imaginam ser a alta sociedade da América, o que na verdade é uma grande calúnia àquele país. Elas também sofrem dos efeitos de ouvir pelo microfone o ruído selvagem dos e estridente dos ritmos modernos²⁰, aqueles barulhos chamados de música... Garotas de 14 anos se vestem e falam como aquelas de 18 ou 19 e coloca a mesma sujeira ²¹em seus rostos.

Imagino se o sr. Henriques sabe a) que bem antes da outra guerra já era comum atribuir ao crime juvenil o terrível exemplo da cinematografia, e b) que as garotas modernas têm sido as mesmas por quase dois mil anos?

Um dos grandes fracassos da história humana tem sido a tentativa de longa data de fazer as mulheres pararem de se maquiar²². Os filósofos do império romano denunciaram a frivolidade da mulher contemporânea quase nos mesmos termos que ela é denunciada hoje. No século quinze, a Igreja denunciou o maldito hábito de tirar as sobrancelhas. Os puritanos ingleses, os bolcheviques, e os nazistas desencorajaram o uso de cosméticos, sem sucesso. Na Inglaterra Vitoriana, o rouge era considerado tão vergonhoso que era vendido com outro nome, mas continuou a ser usado.

Vários estilos de vestuário, do colar elizabetano à saia hobble eduardiana²³, foram denunciados do púlpito, sem efeito. Nos anos 1920, quando as saias eram mais curtas, o papa decretou que mulheres vestidas de forma inapropriada não seriam admitidas nas igrejas católicas; mas, de alguma forma, a moda feminina permaneceu inafetada. A “mulher ideal” de Hitler, uma espécie excessivamente sem graça numa capa de chuva, foi exibida em toda a

²⁰ No original: “wild rucous jitterbugging noises”, que seriam ritmos de origem afroamericana.

²¹ No original: “put the same filth and muck on their faces”; *filth* e *muck* podem ter conotações pejorativas.

²² No original: “painting her faces”, na tradução literal, “pintar seus rostos”, atualmente pode ter outras conotações.

²³ “Elizabethan ruff” é um colar de plumas comum no século XVII e “Edwardian hobble skirt” eram saias “presas” nas canelas, de forma que a mulher perdia a sua mobilidade ao andar.

[<https://recollections.biz/blog/the-truth-about-the-edwardian-hobble-skirt/>](https://recollections.biz/blog/the-truth-about-the-edwardian-hobble-skirt/)

Alemanha e muito no resto do mundo, mas inspirou poucas imitações. Profecio que as garotas inglesas vão continuar “sujando seus rostos”, apesar do sr. Henriques. Mesmo na cadeia, dizem, as prisioneiras avermelham seus lábios com a tinta das bolsas dos correios.

O porquê de as mulheres usarem cosméticos é outra questão, mas parece duvidoso que a atração sexual seja a principal. É muito incomum conhecer um homem que não ache que o pintar as unhas dos dedos de vermelho é um hábito lamentável, mas centenas de milhares de mulheres continuam o fazendo. Enquanto isso, se servir de consolo para o sr. Henriques saber que ainda que a maquiagem persista, ela é de longe menos elaborada em relação ao que costumava ser nos tempos em que a beleza vitoriana tinha suas faces “esmaltadas”, ou quando era usual alterar o contorno das bochechas para deixá-las mais volumosas²⁴, como descrito no poema de Swift, “*On a beautiful young nymph going to bed*”.

²⁴ “Plumpers” é a palavra empregada por Orwell e usada por Jonathan Smith em versos como: “Now dexterously her plumpers draws, / That serve to fill her hollow jaws.” e “And puss had on her plumpers pissed./ A pigeon picked her issue-peas; / And Shock her tresses filled with fleas.”. Poema completo em: <<https://www.poetryfoundation.org/poems/50580/a-beautiful-young-nymph-going-to-bed>>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra de Orwell é comumente tida como “profética”, em distopias literárias que parecem querer insistir em garantir o seu lugar no mundo real, o que rendeu uma alta na venda de livros em épocas como a eleição de Donald Trump para a presidência dos Estados Unidos, por exemplo. Mas, a partir da amostra aqui abordada e traduzida, é possível identificar que Orwell também foi responsável pelo registro de discussões como costumes de sua época, assim como problemáticas que se mostram com novas peculiaridades atualmente, a exemplo da taxa de natalidade.

Apesar da escrita objetiva, a transposição para o português não deixa de ser um desafio. Cabem aqui as considerações de Matos:

Ao contrário do que se poderia pensar, traduzir Orwell não é fácil. Num paradoxo que só surpreenderá os menos experientes nessas lides, é a própria simplicidade do seu estilo que mais desafios coloca aos tradutores e tradutoras. (...) Se Orwell for traduzido à letra, a sua prosa soará aos nossos ouvidos, infelizmente habituados muitas vezes a confundir o literário com o pretensioso, como simplista em vez de simples, tosca em vez de depurada, e infantil em vez de informal. (MATOS, 2021b, p. 22-23).

O desafio de traduzir Orwell foi debatido entre tradutores experientes, incluindo os contratados pelas editoras para as edições posteriores à inclusão de sua obra no domínio público (BRITTO, 2020; BRESSANE et al, 2021). Buscou-se, neste trabalho, verter parte dos ensaios de Orwell de forma simples e contextualizada, dentro do que permitem os desafios da língua portuguesa, que muitas vezes soou mais burocrática do que as sentenças diretas do autor.

Em relação ao conteúdo, a seleção, também desafiadora, teve o propósito de trazer aspectos menos conhecidos entre as reflexões do escritor, como as questões domésticas e sociais de época.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, Paul (org.). **Orwell in Tribune: "As I please" and other writings, 1943-7.** Londres: Politico's, 2006. Disponível em: <https://archive.org/details/orwellintribunea0000orwe/>. Acesso em: 27 maio 2022.

AUGUSTO, Sérgio (org.). **George Orwell - O que é fascismo e outros ensaios.** Tradução: Paulo Geiger. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

BRITTO, Paulo Henriques. **Ciclo George Orwell | Dia 2: Bate-papo sobre traduzir Orwell, com Paulo Henriques Britto.** 10 nov. 2020. Disponível em: <https://youtu.be/14c9duJ5SzU>. Acesso em: 7 maio 2022.

BRESSANE, Ronaldo; MATTOS, Bruno; XERXENESKY, Antonio; STORTO, Aline; GEISLER, Luisa. **Uma nova língua para Orwell: as novas traduções de 1984 e os desafios de se traduzir um clássico.** 6 mar. 2021. Disponível em: <https://youtu.be/8or9BIViiJc>. Acesso em: 8 maio 2022.

CARNEIRO, Raquel. **Em domínio público, livro '1984' vira ouro de editoras e vendas sobem 663%.** 25 fev. 2021. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/cultura/em-dominio-publico-livro-1984-vira-ouro-de-editoras-e-vendas-sobem-663/>. Acesso em: 15 maio 2022.

COPPARD, Audrey; CRICK, Bernard (org.). **Orwell remembered.** Nova York: Facts on File, 1984. Disponível em: <https://archive.org/details/orwellremembered00copp/>. Acesso em: 27 maio 2022.

HAZLITT, William. Sobre os ensaístas de periódico. In: PIRES, Paulo Roberto (org.). **Doze ensaios sobre o ensaio:** Antologia Serrote. Tradução: André Lago Monteiro. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2018.

JUNIOR, Matinas Suzuki (org.). **George Orwell - Como morrem os pobres e outros ensaios.** Tradução: Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

PIZA, Daniel. Fora da utopia. In: ORWELL, George. **Dentro da baleia e outros ensaios.** Tradução: José Antonio Arantes. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MATOS, Jacinta Maria. **George Orwell - Biografia intelectual de um guerrilheiro indesejado.** Lisboa: Edições 70, 2021a.

_____, Jacinta Maria (org.), ORWELL, George. **Ensaaios.** Lisboa: Edições 70, 2021b.

MARKS, Peter. **Where He Wrote: Periodicals and the Essays of George Orwell.** *Twentieth Century Literature*, vol. 41, no. 4, 1995, pp. 266–83. *JSTOR*, <https://doi.org/10.2307/441531>. Accessed 08 Mai. 2022.

NETO, Ricardo Bonalume. **George Orwell.** São Paulo: Brasiliense, 1984.

ORWELL, Sonia Brownell; ANGUS, Ian (org.). **The Collected Essays, Journalism and Letters of George Orwell: An Age Like This 1920-1940 - Vol 1.** Nova York: Harcourt Brace Jovanovich, 1968.

ORWELL, Sonia Brownell; ANGUS, Ian (org.). **The Collected Essays, Journalism and Letters of George Orwell: My Country Right or Left 1940-1943 - Vol 2.** Nova York: Harcourt Brace Jovanovich, 1968.

ORWELL, Sonia Brownell; ANGUS, Ian (org.). **The Collected Essays, Journalism and Letters of George Orwell: As I Please 1943-1945 - Vol 3.** Nova York: Harcourt Brace Jovanovich, 1968.

ORWELL, Sonia Brownell; ANGUS, Ian (org.). **The Collected Essays, Journalism and Letters of George Orwell: In Front of Your Nose 1945-1950 - Vol 4.** Nova York: Harcourt Brace Jovanovich, 1968.

SPECHOTO, Caio. **George Orwell entra em domínio público; obra vai do totalitarismo à culinária.** [S. l.]: Poder 360, 1 jan. 2021. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/literatura/george-orwell-entra-em-dominio-publico-obra-vai-do-totalitarismo-a-culinaria/>. Acesso em: 7 maio 2022.

STAROBINSKI, Jean. É possível definir o ensaio?. In: PIRES, Paulo Roberto (org.). **Doze ensaios sobre o ensaio:** Antologia Serrote. Tradução: André Telles. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2018.

ANEXOS

ANEXO - TEXTO 1

In front of your nose

Tribune, 22 March 1946

Many recent statements in the press have declared that it is almost, if not quite, impossible for us to mine as much coal as we need for home and export purposes, because of the impossibility of inducing a sufficient number of miners to remain in the pits. One set of figures which I saw last week estimated the annual ‘wastage’ of mine workers at 60,000 and the annual intake of new workers at 10,000. Simultaneously with this — and sometimes in the same column of the same paper — there have been statements that it would be undesirable to make use of Poles or Germans because this might lead to unemployment in the coal industry. The two utterances do not always come from the same sources, but there must certainly be many people who are capable of holding these totally contradictory ideas in their heads at a single moment.

This is merely one example of a habit of mind which is extremely widespread, and perhaps always has been. Bernard Shaw, in the preface to *Androcles and the Lion*, cites as another example the first chapter of the Gospel of Matthew, which starts off by establishing the descent of Joseph, father of Jesus, from Abraham. In the first verse, Jesus is described as ‘the son of David, the son of Abraham,’ and the genealogy is then followed up through fifteen verses: then, in the next verse but one, it is explained that as a matter of fact Jesus was *not* descended from Abraham, since he was not the son of Joseph. This, says Shaw, presents no difficulty to a religious believer, and he names as a parallel case the rioting in the East End of London by the partisans of the Tichborne Claimant, who declared that a British working man was being done out of his rights²⁵.

²⁵ Roger Charles Tichborne (1829-1854), heir to a large estate in Hampshire, was lost at sea in 1854. His mother refused to accept that her son was dead and, when she learned that a butcher working in Wagga Wagga, Australia, claimed to be the heir, she recognised his claim. This led to a trial in 1871-72, marked by conflicting evidence, which resulted in his being declared an impostor. His true identity was said to be Arthur Orton, of Wapping (a dockland area of London). In 1874 he was found guilty of perjury and imprisoned. He was released in 1884 and died a pauper in 1898. At first he won great popular support, but eventually became, literally, a ‘music-hall joke’. Harry Relph (1867-1928), a music-hall comedian, was required to change his stage name and called himself ‘Little Tich’, a nickname he had been given as a child owing to his facial likeness to Orton, but being diminutive in size, this led to the word ‘tich’, for a small person, being introduced into the language. Peter Davison

Medically, I believe, this manner thinking is called schizophrenia: at any rate, it is the power of holding simultaneously two beliefs which cancel out. Closely allied to it is the power of ignoring facts which are obvious and unalterable, and which will have to be faced sooner or later. It is especially in our political thinking that these vices flourish. Let me take a few sample subjects out of the hat. They have no organic connexion with each other: they are merely cased, taken almost at random, of plain, unmistakable facts being shirked by people who in another part of their mind are aware to those facts.

Hong Kong. For years before the war everyone with knowledge of Far Eastern conditions knew that our position in Hong Kong was untenable and that we should lose it as soon as a major war started. This knowledge, however, was intolerable, and government after government continued to cling to Hong Kong instead of giving it back to the Chinese. Fresh troops were even pushed into it, with the certainty that they would be uselessly taken prisoner, a few weeks before the Japanese attack began. The war came, and Hong Kong promptly fell — as everyone had known all along that it would do.

Conscription. For years before the war, nearly all enlightened people were in favour of standing up to Germany: the majority of them were also against having enough armaments to make such a stand effective. I know very well the arguments that are put forward in defence of this attitude; some of them are justified, but in the main they are simply forensic excuses. As late as 1939, the Labour Party voted against conscription, a step which probably played its part in bringing about the Russo-German Pact and certainly had a disastrous effect on morale in France. Then came 1940 and we nearly perished for lack of a large, efficient army, which we could only have had if we had introduced conscription at least three years earlier.

The Birthrate. Twenty or twenty-five years ago, contraception and enlightenment were held to be almost synonymous. To this day, the majority of people argue — the argument is variously expressed, but always boils down to more or less the same thing — that large families are impossible for economic reasons. At the same time, it is widely known that the birthrate is highest among the low-standard nations, and, in our population, highest among the worst-paid groups. It is also argued that a smaller population would mean less unemployment and more comfort for everybody, while on the other hand it is well established that a dwindling and ageing population is faced with calamitous and perhaps insoluble economic problems. Necessarily the figures are uncertain, but it is quite possible that in only seventy years our population will amount to about eleven millions, over half of whom will be Old Age Pensioners. Since, for complex reasons, most people don't want large families, the frightening facts can exist some

where or other in their consciousness, simultaneously known and not known.

U.N.O. In order to have any efficacy whatever, a world organization must be able to override big states as well as small ones. It must have power to inspect and limit armaments, which means that its officials must have access to every square inch of every country. It must also have at its disposal an armed force bigger than any other armed force and responsible only to the organization itself. The two or three great states that really matter have never even pretended to agree to any of these conditions, and they have so arranged the constitution of U.N.O. that their own actions cannot even be discussed. In other words, U.N.O.'s usefulness as an instrument of world peace is nil. This was just as obvious before it began functioning as it is now. Yet only a few months ago millions of well-informed people believed that it was going to be a success.

There is no use in multiplying examples. The point is that we are all capable of believing things which we *know* to be untrue, and then, when we are finally proved wrong, impudently twisting the facts so as to show that we were right. Intellectually, it is possible to carry on this process for an indefinite time: the only check on it is that sooner or later a false belief bumps up against solid reality, usually on a battlefield.

When one looks at the all-prevailing schizophrenia of democratic societies, the lies that have to be told for vote-catching purposes, the silence about major issues, the distortions of the press, it is tempting to believe that in totalitarian countries there is less humbug, more facing of the facts. There, at least, the ruling groups are not dependent on popular favour and can utter the truth crudely and brutally. Goering could say 'Guns before butter', while his democratic opposite numbers had to wrap the same sentiment up in hundreds of hypocritical words.

Actually, however, the avoidance of reality is much the same everywhere, and has much the same consequences. The Russian people were taught for years that they were better off than everybody else, and propaganda posters showed Russian families sitting down to abundant meal while the proletariat of other countries starved in the gutter. Meanwhile the workers in the western countries were so much better off than those of the U.S.S.R. that non-contact between Soviet citizens and outsiders had to be a guiding principle of policy. Then, as a result of the war, millions of ordinary Russians penetrated far into Europe, and when they return home the original avoidance of reality will inevitably be paid for in frictions of various kinds. The Germans and the Japanese lost the war quite largely because their rulers were unable to see facts which were plain to any dispassionate eye.

To see what is in front of one's nose needs a constant struggle. One thing that helps

toward it is to keep a diary, or, at any rate, to keep some kind of record of one's opinions about important events. Otherwise, when some particularly absurd belief is exploded by events, one may simply forget that one ever held it. Political predictions are usually wrong. But even when one makes a correct one, to discover *why* one was right can be very illuminating. In general, one is only right when either wish or fear coincides with reality. If one recognizes this, one cannot, of course, get rid of one's subjective feelings, but one can to some extent insulate them from one's thinking and make predictions cold-bloodedly, by the book of arithmetic. In private life most people are fairly realistic. When one is making out one's weekly budget, two and two invariably make four. Politics, on the other hand, is a sort of sub-atomic or non-Euclidean world where it is quite easy for the part to be greater than the whole or for two objects to be in the same place simultaneously. Hence the contradictions and absurdities I have chronicled above, all finally traceable to a secret belief that one's political opinions, unlike the weekly budget, will not have to be tested against solid reality.

ANEXO - TEXTO 2

Books and the people: a new year message

Tribune, 5 January 1945

For some months past we have intended to make some kind of explanatory statement about *Tribune's* literary policy, present and future, and the first week of the new year seems a suitable time to do it.

Regular readers of *Tribune* will have noted that during recent months we have printed short stories only intermittently, we have printed less verse than we used to do, and we have altered our system of reviewing. giving a full-length review each week to only one book, and 200-word 'shorts' to all the others. The new system of reviewing seems to be giving general satisfaction. By means of it we can cover - including the books in Daniel George's column²⁶ - anything up to fifteen books a week, and thus can keep more or less abreast of the current output, which was quite impossible before. We can also in this way make some mention of cheap reprints and even a certain number of pamphlets and periodicals. From time to time we are charged by our readers with concentrating on books which the average person cannot afford

²⁶ Daniel George Bunting (1890-1967) was an essayist and poet. He reviewed for *Tribune* until well into the 1950s.

to buy, but anyone who chooses to look back through our columns will see that Penguins and other very cheap publications have had their fair share of notice.

The gradual dropping of short stories is deliberate. In future we shall probably abandon short stories almost completely, though we shall not refuse a *good* short story when we happen to get one. We shall also from time to time, as we have done once or twice already, print detachable excerpts from old books. This seems to us a useful thing to do at a time like the present, when so many standard books are unobtainable.

It was only unwillingly that we decided on the dropping of short stories, but the quality of the stories sent in to me makes them, in much more than nine cases out of ten, simply not worth ink and paper. For long past there has been a volume of justified complaints from readers that *Tribune's* stories were 'always so gloomy'. The trouble, as anyone who had my job would quickly appreciate, is that one almost never nowadays sees a story with any serious literary pretensions that is not gloomy. The reasons for this are many and complex, but I think literary fashion is one of them. A "happy ending, or indeed any admission that anything is right with the world anywhere, seems to be as out of date as Dundreary whiskers²⁷, and it hardly seems worth diffusing gloom from the final pages of the paper unless exceptional literary distinction goes with it. Many readers have told me, in writing and by word of mouth, how tired they are of the kind of story that begins Marjorie's husband was to be hanged on Tuesday, and the children were starving, or For seven years no ray of sunlight had penetrated the dusty room where William Grocock, a retired insurance agent, lay dying of cancer; but I don't fancy they are more tired of them than I am myself, who have to work my way through round about twenty such stories every week.

By printing less stories we shall have more room for essays and articles on literary or general (i.e. not directly political) subjects. But upon all those readers who complain that we do not have enough articles on music, or painting, or the drama, or radio, or modern educational methods, or psychoanalysis, or what-not, I urge one important consideration: that we have very little space. In most weeks we have well under five pages at our disposal, and we have already been driven into smaller print for the short reviews. It is principally lack of space that has prevented us from undertaking any notes on radio, gramophone records and music generally. We could not do it regularly, and therefore should not be able to keep sufficiently up to date. Nor can we notice concerts, exhibitions, etc, because these occur only in one place, usually London, and *Tribune's* readers are spread all over the country.

²⁷ What would now be called murton-chop sideburns, very fashionable in the 1870s and 1970s.

So far I have been dealing with details. But a more general defence, or at least explanation, of our literary policy is needed, because there are certain criticisms of an adverse kind that come up in varying forms over and over again. Our critics are divisible into two main schools. It would be manifestly impossible to satisfy both, and in practice, I should say, impossible to satisfy either.

The first school accuses us of being lowbrow, vulgar, ignorant, obsessed with politics, hostile to the arts, dominated by back-scratching cliques and anxious to prevent talented young writers from getting a hearing. The other school accuses us of being highbrow, arty, bourgeois, indifferent to politics and constantly wasting space on material that can be of no interest to a working man and of no direct use to the socialist movement. Both points need meeting, because between them they express a difficulty that is inherent in running any paper that is not a pure propaganda sheet.

Against the first school, we point out that *Tribune* reaches a large, heterogeneous left-wing audience and cannot be turned into a sort of trade paper for young poets, or a tilting-ground on which rival gangs of Surrealists, Apocalyptics and what-not can fight out their battles²⁸. We can assume that our public is intelligent, but not that its primary interests are literary or artistic, and still less that all of our readers have been educated in the same way and will know the same jokes and recognise the same allusions. The smaller literary magazines tend to develop a sort of family atmosphere - and, at the risk of offending a contributor now and then, we have made efforts to prevent that kind of thing from being imported into *Tribune*. We never, for instance, review books written in foreign languages, and we try to cut out avoidable foreign quotations and obscure literary allusions. Nor will we print anything that is verbally unintelligible. I have had several angry letters because of this, but I refuse to be responsible for printing anything that I do not understand. If I can't understand it, the chances are that many of our readers will not be able to either. As to the charge that we are dominated by cliques (contributions sometimes arrive with a sarcastic inquiry as to whether 'someone outside the clique' may put a word in), a quick glance through our back numbers would easily disprove it. The number of our contributors is much larger than is usual in a paper of these dimensions, and many of them are people whose work has hardly appeared elsewhere.

²⁸ In fact, *Tribune* didn't completely avoid engaging in the infighting of fractious modernist groups. The contributors to its literary pages included several prominent members of the English Group of Surrealists as well as a number of New Apocalyptics - a group of poets who took their name from the 1940 anthology *The New Apocalypse* (London: Fortune Press), edited by J. F. Hendry (1912-86) and Henry Treece (1911-66) and there were several occasions on which disagreements among them flared up on the letters pages.

The other school of critics presents a more serious difficulty. Any socialist paper which has a literary section is attacked from time to time by the person who says: 'What is the use of all this literary stuff? Does it bring socialism any nearer? If not, drop it. Surely our task should be to work for socialism and not waste our time on bourgeois literature? There are various quick answers to this person (he is easily quelled, for instance, by pointing out that Marx wrote some excellent criticism of Shakespeare), but nevertheless he has a case. Here it is, put in an extreme form by a correspondent in last week's issue:

May I ask if the book reviews in your paper contribute largely (if at all) to its upkeep?

If not, why is so much precious space taken up each week with descriptions of books which (I guess) few of your readers buy?

As a socialist, my aim in life is to destroy Toryism.

For this purpose I require all the ammunition I can get, and I look to *Tribune* as the main source of supply. You may reply that some of the books would be useful for that purpose, but I think it would be a very small percentage, and in any case I have neither the money nor the time to read them.

This correspondent, by the way, like many others who write in the same vein, is under the misconception that in order to read books you have to buy them. Actually you could read most of the books mentioned in *Tribune* without ever buying a book from one year's end to the other. What else are libraries for - not merely Boots, Smith's, etc, but the public libraries at which anyone who numbers a householder among his acquaintances can get three tickets without any charge whatever? But our correspondent also assumes (a) that a socialist needs no recreations, and (b) that books are of no use to the socialist movement unless they consist of direct propaganda. It is this viewpoint that we tacitly challenge when, for instance, we use up a whole column on a poem, or print a popularization of some little-known dead writer, or give a good review to a book written by a conservative.

Even the most unpolitical book, even an outright reactionary book, can be of use to the socialist movement if it provides reliable information or forces people to think. But we also assume that books are not to be regarded simply as propaganda, that literature exists in its own right - and that a large number of our readers are interested in it. This involves, unavoidably, a slight divergence between the political and the literary sections of the paper. Obviously we cannot print contributions that grossly violate *Tribune's* policy. Even in the name of free speech a socialist paper can not, for instance, throw open its columns to anti-Semitic propaganda. But it is only in this negative sense that any pressure is put upon contributors to the literary end of

the paper. Looking through the list of our contributors, I find among them Catholics, communists, Trotskyists, anarchists, pacifists, left-wing Conservatives, and Labour Party supporters of all colours. All of them knew, of course, what kind of paper they were writing for and what topics were best left alone, but I think it is true to say that none of them has ever been asked to modify what he had written on the ground that it was 'not policy'.

This is particularly important in the case of book reviews, in which it is often difficult for the reviewer to avoid indicating his own opinions. To my knowledge, some periodicals coerce their reviewers into following the political line of the paper, even when they have to falsify their own opinions to do so²⁹. *Tribune* has never done this. We hold that the reviewer's job is to say what he thinks of the book he is dealing with, and not what we think our readers ought to think. And if, as a result, unorthodox opinions are expressed from time to time - even, on occasion, opinions that contradict some editorial statement at the other end of the paper - we believe that our readers are tough enough to stand a certain amount of diversity. We hold that the most perverse human being is more interesting than the most orthodox gramophone record. And though, in this section of the paper, our main aim is to talk about books as books, we believe that anyone who upholds the freedom of the intellect, in this age of lies and regimentation, is not serving the cause of socialism so badly either.

TEXTOS 3 E 4 - *As I Please* 31 - 30 June 1944 (excerpts)

I notice that apart from the widespread complaint that the German pilotless planes 'seem so unnatural' (a bomb dropped by a live airman is quite natural, apparently), some journalists are denouncing them as barbarous, inhumane, and 'an indiscriminate attack on civilians'.

After what we have been doing to the Germans over the past two years, this seems a bit thick, but it is the normal human response to every new weapon. Poison gas, the machine-gun, the submarine, gunpowder, and even the crossbow were similarly denounced in their day. Every weapon seems unfair until you have adopted it yourself. But I would not deny that the pilotless plane, flying bomb, or whatever its correct name may be, is an exceptionally unpleasant thing, because, unlike most other projectiles, it gives you time to think. What is your first reaction when you hear that droning, zooming noise? Inevitably, it is a hope that the noise *won't* stop.

²⁹ Orwell's most notorious experience of this was with the *New Statesman*, which in 1937 infamously refused on political grounds to publish his review of Franz Borkenau's *The Spanish Cockpit*.

You want to hear the bomb pass safely overhead and die away into the distance before the engine cuts out. In other words, you are hoping that it will fall on somebody else. So also when you dodge a shell or an ordinary bomb—but in that case you have only about five seconds to take cover and no time to speculate on the bottomless selfishness of the human being.

Six million books, it is said, perished in the blitz of 1940, including a thousand irreplaceable titles. Most of them were probably no loss, but it is dismaying to find how many standard works are now completely out of print. Paper is forthcoming for the most ghastly tripe, as you can see by glancing into any bookshop window, while all the reprint editions, such as the Everyman Library, have huge gaps in their lists. Even so well-known a work of reference as Webster's dictionary is no longer obtainable unless you run across a copy second-hand. About a year ago I had to do a broadcast on Jack London. When I started to collect the material I found that those of his books that I most wanted had vanished so completely that even the London Library could not produce them. To get hold of them I should have had to go to the British Museum reading-room, which in these days is not at all easy of access. And this seems to me a disaster, for Jack London is one of those border-line writers whose works might be forgotten altogether unless somebody takes the trouble to revive them. Even *The Iron Heel* was distinctly a rarity for some years, and was only reprinted because Hitler's rise to power made it topical...

TEXTO 5 - *As I Please* 20 - 14 april 1944 (excerpt)

The April issue of *Common Wealth* devotes several paragraphs to the problem of the falling British birthrate. A good deal of what it says is true, but it also lets drop the following remarks:

The know-alls are quick to point to contraceptives, nutritional errors, infertility, selfishness, economic insecurity, etc., as basic causes of decline. But facts do not support them. In Nazi Germany, where contraceptives are illegal, the birthrate has reached a record low ebb, whereas in the Soviet Union, where there are no such restrictions, population is healthily on the up and up... Reproduction, as the Peckham experiment³⁰ has helped to prove, is stimulated in an environment marked by fellowship

³⁰ The "Peckham experiment" was an innovative preventive health care centre in south-east London set up in 1935.

and cooperation... Once meaning and purpose are restored to life, the wheels of production are kept humming, and life is again an adventure instead of just an endurance, we shall hear no more of the baby shortage.

It is not fair to the public to treat all-important subjects in this slapdash way. To begin with, you would gather from the passage quoted above that Hitler lowered the German birthrate. On the contrary, he raised it to levels unheard-of during the Weimar Republic. Before the war it was above replacement level, for the first time in many years. The catastrophic drop in the German birthrate began in 1942, and must have been partly caused by so many German males being away from home. Figures cannot be available yet, but the Russian birthrate must also certainly have dropped over the same period.

You would also gather that the high Russian birthrate dates from the Revolution. But it was also high in Czarist times. Nor is there any mention of the countries where the birthrate is highest of all, that is, India, China, and (only a little way behind) Japan. Would it be accurate to say, for instance, that a South Indian peasant's life is 'an adventure instead of just an endurance'?

The one thing that can be said with almost complete certainty on this subject is that a high birthrate goes with a low standard of living, and vice versa. There are few if any real exceptions to this. Otherwise the question is exceedingly complex. It is, all the same, vitally important to learn as much about it as we can, because there will be a calamitous drop in our own population unless the present trend is reversed within ten or, at most, twenty years. One ought not to assume, as some people do, that this is impossible, for such changes of trend have often happened before. The experts are proving now that our population will be only a few millions by the end of this century, but they were also proving in 1870 that by 1940 it would be 100 millions. To reach replacement level again, our birthrate would not have to take such a sensational upward turn as, for instance, the Turkish birthrate did after Mustapha Kemal took over. But the first necessity is to find out why populations rise and fall, and it is just as unscientific to assume that a high birthrate is a byproduct of Socialism as to swallow everything that is said on the subject by childless Roman Catholic priests.

TEXTO 6 - *As I Please* 26 - 26 may 1944 (excerpt)

The May number of the *Matrimonial Post and Fashionable Marriage Advertiser* contains advertisements from 191 men seeking brides and over 200 women seeking husbands.

Advertisements of this type have been running in a whole series of magazines since the sixties or earlier, and they are nearly always very much alike. For example:

Bachelor, age 25, height 6 ft 1 in., slim, fond of horticulture, animals, children, cinema, etc., would like to meet lady, age 27 to 35, with love of flowers, nature, children, must be tall, medium build, Church of England.

The general run of them are just like that, though occasionally a more unusual note is struck. For instance:

I'm 29, single, 5 ft 10 in., English, large build, kind, quiet, varied intellectual interests, firm moral background (registered unconditionally as absolute CO), progressive, creative, literary inclinations. A dealer in rare stamps, income variable but quite adequate. Strong swimmer, cyclist, slight stammer occasionally. Looking for the following rarity, amiable, adaptable, educated girl, easy on eye and ear, under 30, secretary type or similar, mentally adventurous, immune to mercenary and social incentives, bright sense of genuine humour, a reliable working partner. Capital unimportant, character vital.

The thing that is and always has been striking in these advertisements is that nearly all the applicants are remarkably eligible. It is not only that most of them are broad-minded, intelligent, home-loving, musical, loyal, sincere and affectionate, with a keen sense of humour and, in the case of women, a good figure: in the majority of cases they are financially OK as well. When you consider how fatally easy it is to get married, you would not imagine that a 36-year-old bachelor, 'dark hair, fair complexion, slim build, height 6 ft, well educated and of considerate, jolly and intelligent disposition, income £1,000 per annum and capital', would need to find himself a bride through the columns of a newspaper. And ditto with 'Adventurous young woman, left-wing opinions, modern outlook' with 'fairly full but shapely figure, medium colour curly hair, grey-blue eyes, fair skin, natural colouring, health exceptionally good, interested in music, art, literature, cinema, theatre, fond of walking, cycling, tennis, skating and rowing'. Why does such a paragon have to advertise?

It should be noted that the *Matrimonial Post* is entirely above-board and checks up carefully on its advertisers.

What these things really demonstrate is the atrocious loneliness of people living in big towns. People meet for work and then scatter to widely separated homes. Anywhere in inner London it is probably exceptional to know even the names of the people who live next door.

Years ago I lodged for a while in the Portobello Road. This is hardly a fashionable

quarter, but the landlady had been lady's maid to some woman of title and had a good opinion of herself. One day something went wrong with the front door and my landlady, her husband and myself were all locked out of the house. It was evident that we should have to get in by an upper window, and as there was a jobbing builder next door I suggested borrowing a ladder from him. My landlady looked somewhat uncomfortable.

'I wouldn't like to do that,' she said finally. 'You see we don't know him. We've been here fourteen years, and we've always taken care not to know the people on either side of us. It wouldn't do, not in a neighbourhood like this. If you once begin talking to them they get familiar, you see.'

So we had to borrow a ladder from a relative of her husband's, and carry it nearly a mile with great labour and discomfort.

TEXTO 7 - *As I Please* 27 - 2 June 1944 (excerpt)

After reading the *Matrimonial Post* last week I looked in the Penguin Herodotus for a passage I vaguely remembered about the marriage customs of the Babylonians. Here it is:

Once a year in each village the maidens of an age to marry were collected altogether into one place, while the men stood round them in a circle. Then a herald called up the damsels one by one and offered them for sale. He began with the most beautiful. When she was sold for no small sum of money, he offered for sale the one who came next to her in beauty... The custom was that when the herald had gone through the whole number of the beautiful damsels, he should then call up the ugliest and offer her to the men, asking who would agree to take her with the smallest marriage portion. And the man who offered to take the smallest sum had her assigned to him. The marriage portions were furnished by the money paid for the beautiful damsels, and thus the fairer maidens portioned out the uglier.

This custom seems to have worked very well and Herodotus is full of enthusiasm for it. He adds, however, that, like other good customs, it was already going out round about 450 B.C.

TEXTO 8 - *As I Please* 9 - 28 de janeiro de 1944 (excerpt)

The other night a barmaid informed me that if you pour beer into a damp glass it goes flat much more quickly. She added that to dip your moustache into your beer also turns it flat. I immediately accepted this without further inquiry; in fact, as soon as I got home I clipped my

moustache, which I had forgotten to do for some days. Only later did it strike me that this was probably one of those superstitions which are able to keep alive because they have the air of being scientific truths. In my note-book I have a long list of fallacies which were taught to me in my childhood, in each case not as an old wives' tale but as a scientific fact. I can't give the whole list, but there are a few hardy favourites:

- That a swan can break your leg with a blow of its wing.
- That if you cut yourself between the thumb and forefinger you get lockjaw.
- That powdered glass is poisonous.
- That if you wash your hands in the water eggs have been boiled in (why anyone should do this is a mystery) you will get warts.
- That bulls become infuriated at the sight of red.
- That sulphur in a dog's drinking water acts as a tonic.

And so on and so forth. Almost everyone carries some or other of these beliefs into adult life. I have met someone of over thirty who still retained the second of the beliefs I have listed above. As for the third, it is so widespread that in India, for instance, people are constantly trying to poison one another with powdered glass, with disappointing results.

TEXTO 9 - *As I Please* 58 - 9 february 1945 (excerpt)

Every time I wash up a batch of crockery I marvel at the unimaginativeness of human beings who can travel under the sea and fly through the clouds, and yet have not known how to eliminate this sordid time-wasting drudgery from their daily lives. If you go into the Bronze Age room in the British Museum (when it is open again) you will notice that some of our domestic appliances have barely altered in three thousand years. A saucepan, say, or a comb, is very much the same thing as it was when the Greeks were besieging Troy. In the same period we have advanced from the leaky galley to the 50,000 ton liner, and from the ox-cart to the aeroplane.

It is true that in the modern labour-saving house in which a tiny percentage of human beings live, a job like washing-up takes rather less time than it used to. With soap flakes, abundant hot water, plate racks, a well-lighted kitchen, and—what very few houses in England have—an easy method of rubbish disposal, you can make it more tolerable than it used to be when copper dishes had to be scoured with sand in porous stone sinks by the light of a candle.

But certain jobs (for instance, cleaning out a frying-pan which has had fish in it) are inherently disgusting, and this whole business of messing about with dishmops and basins of hot water is incredibly primitive. At this moment the block of flats I live in is partly uninhabitable: not because of enemy action, but because accumulations of snow have caused water to pour through the roof and bring down the plaster from the ceilings. It is taken for granted that this calamity will happen every time there is an exceptionally heavy fall of snow. For three days there was no water in the taps because the pipes were frozen: that, too, is a normal, almost yearly experience. And the newspapers have just announced that the number of burst pipes is so enormous that the job of repairing them will not be completed till the end of 1945—when, I suppose, there will be another big frost and they will all burst again. If our methods of making war had kept pace with our methods of keeping house, we should be just about on the verge of discovering gunpowder.

TEXTO 10 - *As I Please 65 - 13 december 1945 (excerpt)*

A correspondent writes:

I would be so pleased if you could draw attention to the problem which seems to be in danger of becoming completely neglected. Do MPs, or any other people in authority, realise the immense amount of time, energy and nervous force that many citizens have to lose through the appalling insufficiency of laundries?

I do not know whether MPs, as such, are aware of the present state of our laundry service, but anyone who has to fetch his washing for himself, at any rate in my district of London, will agree with every word that my correspondent says. Merely to get yourself ‘taken on’ by a laundry is difficult feat, not to be achieved until you have lived several months in the district and practised a good deal of intrigue and flattery into the bargain. Then there are the slowness and irregularity of deliveries, the dreary waiting in queues on rainy winter mornings, the lost articles, the inefficient checking system, the smashed buttons, the handkerchiefs which come back hardly whiter than they went. And worst of all, perhaps, the difficult of getting your own washing back when you are sent somebody else’s by mistake, because it is always due to some shortcoming ‘down at the works’, and the bored young woman behind the counter knows nothing about it.

All this is only too true. But my correspondent goes on:

If MPs considered the people, would not one of their first tasks to be nationalise the laundries? The laundry should be as smooth-running as the postal service. Is it fantastic to suggest that everything which makes for the easier running of the home should be a prime concern of a people's government?

Unfortunately, nationalisation would not of itself make the laundries more efficient, any more than nationalising my typewriter would make it easier to write this article. Nationalisation is a long-term measure which in most cases does not affect an improvement but merely prepares the way for an improvement. Nationalising the coal mines, for instance, makes possible the heavy expenditure and the centralised control which are necessary before the mines can be brought up to date. But it will not for several years produce any more coal or make the lot of the miner any more bearable.

If the laundries were nationalised tomorrow they would have to carry straight on with the same personnel and equipment, and their efficiency would not greatly increase while the present shortages continue. The laundries are in a bad way because they lack soap, fuel, machinery, transport and, above all, labour. If they were given priority in any of these things, some other public utility would have to suffer. Everything leads back to the shortage of labour, which is made worse, in our present exhausted state, by the absence of any incentive to work long hours. We have entered on an uncomfortable reconstruction period which may last for years, and I wish the spokesman of the government would say so more boldly. Otherwise great numbers of people may lose all enthusiasm for nationalisation, having looked forward to it as a sort of panacea, and then found that it makes no immediate difference.

But I do agree that when life becomes livable again, the laundry system needs thorough reorganisation. It is a disgrace, for instance, that there has never really been a way of getting babies' clothes washed outside the house. Before the war there existed - it may recently have started up again - a diaper service which delivered twelve clean 'nappies' daily. Only a few people could afford this luxury, and babies' clothes other than 'nappies' always had to be washed at home, because no laundry was cheap or rapid enough to deal with the vast quantity of pants, cot sheets, and so forth that the average baby works its way through. What must have been the effect on our birthrate of that endless struggle with piles of dirty baby-linen in draughty stone-floored sculleries or in the tiny bathrooms of flats?

TEXTO 11 - *As I Please* 50 - 1 december 1944 (excerpt)

Say what you like, things do change. A few years ago I was walking across Hungerford Bridge with a lady aged about sixty or perhaps less. The tide was out, and as we looked down at the beds of filthy, almost liquid mud, she remarked: 'When I was a little girl we used to throw pennies to the mudlarks down there.'

I was intrigued and asked what mudlarks were. She explained that in those days professional beggars, known as mudlarks, used to sit under the bridge waiting for people to throw them pennies. The pennies would bury themselves deep in the mud, and the mudlarks would plunge in head first and recover them. It was considered a most amusing spectacle.

Is there anyone who would degrade himself in that way nowadays? And how many people are there who would get a kick out of watching it?

TEXTO 12 - *As I Please* 64 - 6 december 1946 (excerpt)

In last week's *Tribune* Mr. Julian Symons remarked - rightly, I think - that Aldous Huxley's later novels are much inferior to his earlier ones. But he might have added that this kind of falling-off is usual in imaginative writers, and that it only goes unnoticed when a writer is, so to speak, carried forward by the momentum of his earlier books. We value H. G. Wells, for example, for *Tono-Bungay*, *Mr Polly*, *The Time Machine*, etc. If he had stopped writing in 1920 his reputation would stand quite as high as it does: if we knew him only by the books he wrote after that date, we should have rather a low opinion of him. A novelist does not, any more than a boxer or a ballet dancer, last for ever. He has an initial impulse which is good for three or four books, perhaps even for a dozen, but which must exhaust itself sooner or later. Obviously one cannot lay down any rigid rule, but in many cases the creative impulse seems to last for about fifteen years: in a prose writer these fifteen years would probably be between the ages of thirty and forty-five, or thereabouts. A few writers, it is true, have a much longer lease of life, and can go on developing when they are middle-aged or even old. But these are usually writers (examples: Yeats, Eliot, Hardy, Tolstoy) who make a sudden, almost violent change in their style, or their subject-matter, or both, and who may even tend to repudiate their earlier work.

Many writers, perhaps most, ought simply to stop writing when they reach middle age. Unfortunately our society will not let them stop. Most of them know no other way of earning a

living, and writing, with all that goes with it—quarrels, rivalries, flattery, the sense of being a semi-public figure—is habit-forming. In a reasonable world a writer who had said his say would simply take up some other profession. In a competitive society he feels, just as a politician does, that retirement is death. So he continues long after his impulse is spent, and, as a rule, the less conscious he is of imitating himself, the more grossly he does it.

TEXTO 13 - *As I Please* 58 - 9 february 1945 (excerpt)

A sidelight on the habits of book reviewers.

Some time ago I was commissioned to write an essay for an annual scrapbook which shall be nameless. At the very last minute (and when I had had the money, I am glad to say) the publishers decided that my essay must be suppressed. By this time the book was actually in process of being bound. The essay was cut out of every copy, but for technical reasons it was impossible to remove my name from the list of contributors on the title page.

Since then I have received a number of press cuttings referring to this book. In each case I am mentioned as being 'among the contributors', and not one reviewer has yet spotted that the contribution attributed to me is not actually there.

TEXTO 14 - *As I Please* 22 - 28 april 1944 (excerpt)

Mr. Basil Henriques, chairman of the East London Juvenile Court, has just been letting himself go on the subject of the Modern Girl. English boys, he says, are 'just grand', but it is a different story with girls:

One seldom comes across a really bad boy. The war seems to have affected girls more than boys... Children now went to the pictures several times a week and saw what they imagined was the high life of America, when actually it was a great libel on that country. They also suffer from the effects of listening through the microphone to wild raucous jitterbugging noises called music... Girls of 14 now dress and talk like those of 18 and 19, and put the same filth and muck on their faces.

I wonder whether Mr. Henriques knows (a) that well before the other war it was already usual to attribute juvenile crime to the evil example of the cinematograph, and (b) that the Modern Girl has been just the same for quite two thousand years?

One of the big failures in human history has been the age-long attempt to stop women painting their faces. The philosophers of the Roman Empire denounced the frivolity of the modern woman in almost the same terms as she is denounced today. In the fifteenth century the Church denounced the damnable habit of plucking the eyebrows. The English Puritans, the Bolsheviks and the Nazis all attempted to discourage cosmetics, without success. In Victorian England rouge was considered so disgraceful that it was usually sold under some other name, but it continued to be used.

Many styles of dress, from the Elizabethan ruff to the Edwardian hobble skirt, have been denounced from the pulpit, without effect. In the nineteen-twenties, when skirts were at their shortest, the Pope decreed that women improperly dressed were not to be admitted to Catholic churches; but somehow feminine fashions remained unaffected. Hitler's 'ideal woman', an exceedingly plain specimen in a mackintosh, was exhibited all over Germany and much of the rest of the world, but inspired few imitators. I prophesy that English girls will continue to 'put filth and muck on their faces' in spite of Mr Henriques. Even in jail, it is said, the female prisoners redden their lips with the dye from the Post Office mail bags.

Just why women use cosmetics is a different question, but it seems doubtful whether sex attraction is the main object. It is very unusual to meet a man who does not think painting your fingernails scarlet is a disgusting habit, but hundreds of thousands of women go on doing it all the same. Meanwhile it might console Mr Henriques to know that though make-up persists, it is far less elaborate than it used to be in the days when Victorian beauties had their faces 'enamelled', or when it was usual to alter the contour of your cheeks by means of 'plumpers', as described in Swift's poem, 'On a Beautiful Young Nymph Going to Bed'.